

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL

Marcelle da Silva Nerio

Serviço Social e o trabalho profissional com grupos: um relato de experiência.

Juiz de Fora
2025

Marcelle da Silva Nerio

Serviço Social e o trabalho profissional com grupos: um relato de experiência.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Serviço Social na Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra Eiras.

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nerio , Marcelle .

Serviço Social e o trabalho profissional com grupos: um relato de experiência. / Marcelle Nerio . -- 2025.
59 f. : il.

Orientadora: Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra Eiras
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Serviço Social, 2025.

1. Trabalho profissional com grupos . 2. Serviço Social . 3. Programa de Atenção à Pessoa Idosa . I. Aparecida Leite Toffanetto Seabra Eiras, Alexandra , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO

GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

Formato da Defesa: (X) presencial () virtual () híbrido

Ata da sessão pública referente à defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado ***Serviço Social e o trabalho profissional com grupos: um relato de experiência***, para fins de obtenção do grau de Bacharel em SERVIÇO SOCIAL, pela discente Marcelle da Silva Nerio (matrícula 201919028), sob orientação da Prof.^(a) Dr^(a)Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra Eiras na Faculdade de SERVIÇO SOCIAL da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aos 10 dias do mês de março do ano de 2025 , às 10 h e 30 minutos, na sala 8 na Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), reuniu-se a Banca examinadora, composta pelos seguintes membros:

Titulação	Nome	Na qualidade de:
Dra	Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra Eiras	Orientadora
Dra	Ana Luiza Avelar de Oliveira	Membro da Banca
Dra	Estela Saleh da Cunha	Membro da Banca

AVALIAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Tendo a senhora Presidente declarado aberta a sessão, mediante o prévio exame do referido trabalho por parte de cada membro da Banca, a discente procedeu à apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação e foi submetida à arguição pela Banca Examinadora que, em seguida, deliberou sobre o seguinte resultado:

(X) APROVADA

() REPROVADO, conforme parecer circunstanciado, registrado no campo Observações desta Ata e/ou em documento anexo, elaborado pela Banca Examinadora

Nota: 100 (cem)

Observações da Banca Examinadora caso haja necessidade de anotações gerais sobre o Trabalho de Conclusão de Curso e sobre a defesa, as quais a banca julgue pertinentes

--

Nada mais havendo a tratar, a senhora Presidente declarou encerrada a sessão de Defesa, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelas docentes membros da Banca Examinadora e pela discente, atestando ciência do que nela consta.

INFORMAÇÕES

Para fazer jus ao título de bacharel, a versão final do Trabalho de Conclusão de curso, considerado Aprovado, devidamente conferida pela Secretaria do Curso de (colocar o nome do curso), deverá ser tramitada para o Repositório Institucional, dentro do prazo de 72 horas da realização da banca.

Juiz de Fora, 10 de março de 2025.

Assinatura digital dos membros da Banca Examinadora



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra Eiras, Professor(a)**, em 14/03/2025, às 08:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Luiza Avelar de Oliveira, Professor(a)**, em 17/03/2025, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Estela Saleh da Cunha, Professor(a)**, em 18/03/2025, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelle da Silva Nerio, Usuário Externo**, em 18/03/2025, às 14:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2282966** e o código CRC **65DD92C7**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FORMULÁRIO DE APROVAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

Discente	Marcelle da Silva Nerio
Matrícula Discente	201919028
Título do TCC	<i>Serviço Social e o trabalho profissional com grupos: um relato de experiência</i>
Natureza do trabalho	Relato de experiência
Curso	Serviço Social
Orientadora	Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra Eiras
Coorientador (se houver)	não se aplica
Data da aprovação	10/03/2025
Nome, titulação dos(as) componentes da banca	Profas Dras. Ana Luiza Avelar de Oliveira e Estela Saleh da Cunha

Aprovo a versão final do Trabalho de Conclusão de Curso da discente acima designada.

Juiz de Fora, 18 de março de 2025.

Assinatura digital do Orientador(a)



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra Eiras, Professor(a)**, em 18/03/2025, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2282967** e o código CRC **576DDF15**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à espiritualidade que sempre me protegeu, me guiou e abriu meus caminhos.

Aos meus pais, Luciana e Marcelo, por serem uma rede de apoio repleta de cuidado, afeto, acolhimento e disciplina. Obrigada por apoiarem meus sonhos, por investirem e incentivarem, desde o maternal, nos meus estudos. Nada seria possível sem vocês ao meu lado.

Ao meu pai, por me ensinar a levar a vida com paciência e leveza, na certeza de que, uma hora ou outra, as coisas se ajeitam. À minha mãe, por ser um exemplo de mulher determinada e corajosa e também por ser a minha primeira referência de colega de profissão, uma assistente social que desempenha um trabalho brilhante, comprometido com os interesses da classe trabalhadora.

Aos meus queridos avós, Pedro, Maria da Conceição e Getúlio, que hoje estão *in memoriam*. Entretanto, em todo o tempo que estivemos juntos, acompanharam cada passo meu e contribuíram significativamente na formação de quem sou. Agradeço por toda a sabedoria compartilhada e por seus ensinamentos. Carrego comigo todas lembranças boas do que vivemos, vocês continuam vivos em meu coração.

À minha querida avó Inácia, por tanta dedicação e amor. Obrigada pelas papinhas, pelos churros, pelo cantinho na sua cama, por me ajudar nos deveres da escola e por cuidar de mim em cada etapa da minha vida. Vó, você é essencial na minha vida, obrigada por me apoiar, me dar forças e conselhos. Obrigada por me dar a mão em meus tropeços e por vibrar comigo em cada conquista.

Aos meus familiares, irmão Vinícius, tia Dayane, aos tios Carlinhos, Ivanir e Marcinho, tia Katiucia, primas Yasmim, Gabriela, Kiara e primos Rafael, Nicolas e Samuel, minha cunhada Ana Lúcia, por torcerem tanto por mim e fazerem com o que o processo fosse mais leve. O amor, as risadas e o apoio de vocês foram fundamentais. Aos meus tios e padrinhos, Dulcinea, Rosimar e Erivelton, que também estão em cada momento importante da minha vida, me guiando com amor e sabedoria, me dando todo o suporte necessário.

Ao meu amor, Bruna, agradeço por todo companheirismo, paciência, amor e cuidado. Obrigada pelo aconchego em seu abraço nos momentos difíceis e por comemorar comigo as minhas conquistas. Obrigada por me apoiar e por acreditar

em mim, mesmo quando a dúvida me assola. Poder contar com você, principalmente nessa reta final da graduação, me deu forças para seguir firme na caminhada.

Às minhas amigas do ensino médio, Ana Beatriz, Cellen, Maria Eduarda e Tayline, agradeço pela amizade ao longo de todos esses anos, por estarem presentes em minha vida nos momentos bons e ruins, me aconselhando e me alegrando.

Às minhas amigas e veteranas da graduação, lasmim, Ana Guimarães e Mariana Péres, que me acolheram desde o primeiro período e me encorajaram. Obrigada pelos debates e pelas contribuições para a minha formação. A amizade de vocês é um privilégio.

Ao meu amigo de turma Marcelo, que se tornou minha dupla de trabalhos e também de estágio. Obrigada por todo amparo ao longo dos seis anos que estivemos juntos na graduação. Sua amizade é um presente.

Às amigas e calouras da graduação, Ruth, Clarissa, Duda Dias, Duda Pessanha. Nossa aproximação foi, para mim, algo inesperado, mas que fez toda diferença nos últimos períodos da graduação. Como é bom poder contar com vocês, compartilhar os anseios, as ideias e os desabafos.

Ao corpo docente da Faculdade de Serviço Social da UFJF, por todo ensinamento, debates e contribuições. Pela paciência e dedicação, que transformaram a minha jornada. Em especial, à professora e orientadora deste trabalho, Alexandra Eiras, que me incentivou e me orientou com maestria. Obrigada por ter sido uma grande referência para mim, as nossas conversas foram extremamente significativas para a construção deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho visa apresentar um relato de experiência sobre o desenvolvimento de um trabalho com grupos, na particularidade do Serviço Social, orientada pelo Projeto Ético-Político da profissão. Trata-se de uma experiência, no período do estágio obrigatório III em Serviço Social, na função de coordenadora do Programa de Atenção à Pessoa Idosa, nomeado Renascer, da Sociedade Beneficente Sopa dos Pobres. Os procedimentos metodológicos incluíram pesquisa bibliográfica sobre o "trabalho com grupos" no Serviço Social brasileiro, sob a perspectiva do Projeto Ético-Político, e a análise do envelhecimento no Brasil com dados do IPEA, PNADC e IBGE. A partir disso, foram sistematizadas as informações para construir o relato de experiência, abordando desde o planejamento até a execução. A experiência foi estudada e avaliada, proporcionando contribuições teórico-operativas para a profissão, considerando que o debate sobre o tema ainda é incipiente na produção acadêmica do Serviço Social.

Palavras-chaves: Trabalho profissional com grupos; Serviço Social; dimensão técnico-operativa; população idosa; Renascer.

ABSTRACT

This paper aims to present an experience report on the development of work with groups, in the particularity of Social Work, guided by the Ethical-Political Project of the profession. This is an experience, during the period of mandatory internship III in Social Work, in the role of coordinator of the Elderly Care Program, named Renascer, of the Charitable Society Sopa dos Pobres. The methodological procedures included bibliographical research on "work with groups" in Brazilian Social Work, from the perspective of Ethical-Political Project, and the analysis of aging in Brazil with data from IPEA, PNADC and IBGE. From this, the information was systematized to construct the experience report, addressing everything from planning to execution. The experience was studied and evaluated, providing theoretical and operational contributions to the profession, considering that the debate on the subject is still incipient in the academic production of Social Service.

Keywords: Professional work with groups; Social Work; technical-operational dimension; elderly population; Reborn.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Percentagem da População Idosa (60 anos e mais) por cor ou raça, Brasil: 2000-2022.....	28
Gráfico 2 - Taxa de analfabetismo.....	29
Quadro 1 - Cronograma das atividades realizadas com o Grupo Renascer.....	36
Quadro 2 - Questões para avaliação com o Grupo Renascer.....	42
Quadro 3 - Frequência das respostas às perguntas na avaliação do Grupo Renascer.....	43
Quadro 4 - Respostas às perguntas abertas na avaliação do Grupo Renascer.....	43
Gráfico 3 - Número de participantes nos encontros do Grupo Renascer (novembro de 2024 a fevereiro de 2025).....	46
Gráfico 4 - Média da participação nos encontros do Grupo Renascer (janeiro de 2024 a janeiro de 2025).....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
BF	Bolsa Família
CAPs	Caixas de Aposentadorias e Pensões
CEBAS	Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social
CMAS	Conselho Municipal de Assistência Social
CMDPI	Conselho Municipal da Pessoa Idosa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
OMS	Organização Mundial da Saúde
OSC	Organização da Sociedade Civil
PEP	Projeto Ético-Político
PMSAN	Política Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional
PNADC	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PNSPI	Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa
Reintegrar	Programa de Inclusão Socioproductiva
Renascer	Programa de Atenção à Pessoa Idosa
SBSP	Sociedade Beneficente Sopa dos Pobres
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO E O TRABALHO PROFISSIONAL COM GRUPOS.....	16
2.1. AS METAMORFOSES DO TRABALHO PROFISSIONAL COM GRUPOS NO SERVIÇO SOCIAL.....	20
3. PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: UMA BREVE ANÁLISE DO PERFIL DA POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL.....	24
3.1. A PARTICULARIDADE DA POPULAÇÃO IDOSA DA SOCIEDADE BENEFICENTE SOPA DOS POBRES.....	31
4. ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE COORDENAÇÃO DO GRUPO RENASCER.....	33
4.1. ASSUNÇÃO DA FUNÇÃO DE COORDENADORA DO PROGRAMA RENASCER.....	35
4.2. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DO TRABALHO REALIZADO.....	37
4.3. REFLEXÕES A PARTIR DO ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO GRUPAL.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da minha experiência no Estágio Obrigatório III, referente ao trabalho com grupos realizado no Programa de Atenção à Pessoa Idosa, nomeado Renascer, que ocorre na Sociedade Beneficente Sopa dos Pobres (SBSP). Nessa experiência, fui coordenadora do Programa.

A SBSP, enquanto uma instituição prestadora de serviços vinculados à Política de Assistência Social, está enquadrada como parceira da rede socioassistencial, pois a sua natureza é de entidade privada sem fins lucrativos, enquanto uma Organização da Sociedade Civil (OSC). Está inscrita no Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) e no Conselho Municipal da Pessoa Idosa (CMDPI) do município de Juiz de Fora, com a oferta do Programa de Atenção à Pessoa Idosa (Renascer) e do Programa de Inclusão Socioproductiva (Reintegrar), não participando de chamamento público para prestação de serviços. Além disso, está incluída na Política Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (PMSAN), com a oferta gratuita de refeição no horário de 11 às 12 horas, entre as segundas e sextas-feiras.

A instituição não possui financiamento oriundo do governo municipal, estadual e/ou federal, sendo o financiamento de doações de pessoas físicas e jurídicas. Nessa perspectiva, a forma como a instituição está inserida na política municipal impõe limites para a configuração dos serviços sociais ofertados, assim como, para a continuidade desses serviços, caso não consiga recursos suficientes para mantê-los. Ademais, afeta diretamente a forma de responder às demandas sociais, devido à própria natureza da instituição, fundamentada numa lógica de solidariedade e de corresponsabilidade.

Renascer é o nome dado ao Programa de Atenção à Pessoa Idosa, da SBSP. O trabalho socioeducativo com o grupo existe desde 2016, atendendo idosos com 60 anos ou mais e ocorrendo toda segunda-feira, de 10 às 11 horas. A coordenação do grupo Renascer é uma requisição institucional para o Serviço Social, o qual desenvolve diversas atividades relacionadas ao cotidiano dos participantes.

Apesar de ser uma requisição institucional, cabe salientar que a instituição não determina nenhum conteúdo a ser trabalhado no programa além de não regular o que está sendo proposto e apoiando totalmente o trabalho do Serviço Social. A

equipe usufrui de uma autonomia quase total na instituição, possuindo abertura para planejar e executar o trabalho.

O programa foi proposto pela instituição, a partir disso, a SBSP contratou uma assistente social para desenvolver o trabalho com grupos, objetivando o Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS), para assim, obter o direito à isenção de contribuições sociais, previsto no artigo 195, § 7º, da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988). De acordo com o último CEBAS que a instituição recebeu, o programa está equiparado ao serviço de convivência e fortalecimento de vínculos da proteção social básica. Sobre este serviço, a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais diz que:

Descrição Específica do Serviço para Idosos: Tem por foco o desenvolvimento de atividades que contribuam no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares e do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social. A intervenção social deve estar pautada nas características, interesses e demandas dessa faixa etária e considerar que a vivência em grupo, as experimentações artísticas, culturais, esportivas e de lazer e a valorização das experiências vividas constituem formas privilegiadas de expressão, interação e proteção social. Devem incluir vivências que valorizam suas experiências e que estimulem e potencializem a condição de escolher e decidir. (Brasil, 2014, p.18)

Conforme o Plano de Ação de 2023, elaborado pelo Serviço Social da SBSP e apresentado ao CMDPI, o objetivo do programa constitui-se em trabalhar preventivamente em situações de violência, negligência, violações de direitos, segregação e isolamento da pessoa idosa, visando um processo de envelhecimento ativo e saudável. Além do incentivo a trocas culturais de vivências que estimulem o desenvolvimento e o sentimento de pertencimento e de identidade, fortalecendo vínculos familiares, incentivando a socialização e a convivência comunitária.

A inserção do Serviço Social na SBSP e o desenvolvimento das ações referentes ao Programa Renascer propiciaram a elaboração do objeto que norteou este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Pois, com a minha aproximação ao programa, passei a refletir sobre a atuação profissional nessa frente de trabalho.

No projeto que orientou a construção deste TCC, destaquei que o objetivo principal era contribuir com o debate teórico na experiência de trabalho profissional com grupos, no Serviço Social, fundamentado em uma perspectiva crítica e técnico-operativa. O objeto/problema proposto naquele momento foi “como o

trabalho com grupos realizado pelo Serviço Social na SBSP tem contribuído para a convivência e o fortalecimento de vínculos dos idosos e a forma como a equipe de Serviço Social pode planejar e conduzir as atividades visando o envolvimento dos participantes em uma perspectiva democrática, participativa e crítica”.

Destarte, este TCC foi idealizado mediante uma experiência de ação e reflexão. Ação pela função de coordenação do programa Renascer e reflexão crítica sobre as tarefas de planejamento e execução do programa. Enquanto coordenadora, estive responsável por planejar as atividades semanais, conduzir cada encontro, produzir relatórios semanais, com descrição da atividade proposta e de como aconteceu o encontro, e avaliar o encontro, organizar e analisar os relatórios semanais para construir o meu relato de experiência e acompanhar os participantes do programa.

Além disso, os procedimentos metodológicos envolveram pesquisa bibliográfica sobre o tema “trabalho com grupos” na produção atual do Serviço Social brasileiro, na perspectiva do Projeto Ético-Político (PEP), a apreensão sobre o processo de envelhecimento no Brasil, sobretudo através de referências bibliográficas e dados estatísticos produzidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além de todo o trabalho de sistematização das informações necessárias para a construção do relato de experiência, conforme expus no parágrafo anterior.

Este TCC está organizado em três capítulos. No primeiro, apresento as referências teórico-metodológicas que estão presentes na concepção de profissão da qual me apropriei e elaborei no decorrer da formação acadêmico-profissional. Assim, exponho brevemente o processo de Renovação do Serviço Social Brasileiro, a formulação e consolidação do Projeto Ético-Político. Com isso, apresento o desenvolvimento do trabalho profissional com grupos ao longo do tempo e as principais mudanças engendradas com a consolidação da vertente de intenção de ruptura.

No segundo capítulo, faço uma breve análise do perfil da população idosa no Brasil, baseado nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Censo Demográfico, sobre, principalmente, percentuais de autodeclaração de raça/cor; fontes de renda; faixa etária; nível de escolaridade, e também da particularidade da população idosa da SBSP.

No terceiro capítulo, apresento como foi o processo de coordenar o programa Renascer: etapas do desenvolvimento do trabalho profissional com grupos, tanto no planejamento, como na execução. Por fim, faço uma avaliação de todo esse processo, tanto do meu trabalho, quanto da evolução dos participantes.

Nas considerações finais sintetizo as reflexões, elaboradas no percurso deste TCC, direcionadas àquelas/es que também estão trabalhando com essa estratégia profissional ou que intencionam fazê-lo.

2. SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO E O TRABALHO PROFISSIONAL COM GRUPOS

O Serviço Social brasileiro possui sua gênese na década de 1930 enquanto uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho e no processo de produção e reprodução das relações sociais da sociedade capitalista. De acordo com lamamoto (2015, p. 167), “a profissão afirma-se como especialização do trabalho coletivo no quadro do desenvolvimento capitalista industrial e da expansão urbana”.

Ainda, segundo a autora, o objeto de trabalho do Serviço Social é a questão social, em suas múltiplas expressões, mediadas pela inserção sócio-ocupacional do assistente social. Entendida como a contradição existente entre a classe burguesa e a classe trabalhadora, em que a primeira é possuidora dos meios de produção - e do poder, ela é a classe dominante - e a segunda detém apenas a sua força de trabalho, sendo compelida a vendê-la como única fonte de sobrevivência, “sua sobrevivência se vincula ao mercado de trabalho dominado pelo capital” (lamamoto; Carvalho, 1985, p. 127).

Assim, a questão social expressa as desigualdades sociais e econômicas entre tais classes e a inserção da classe trabalhadora no cenário político. De acordo com lamamoto e Carvalho (1985, p. 77):

A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão. (lamamoto; Carvalho, 1985, p. 77)

Deste modo, a emergência e a expansão do Serviço Social vincula-se historicamente a esses processos, sobretudo a partir da necessidade do Estado em intervir diretamente nas relações entre empresariado e a classe trabalhadora, nas respostas à questão social e também no que diz respeito à regulamentação do mercado de trabalho (lamamoto; Carvalho, 1985).

Desde sua gênese, a profissão passou por intensas mudanças, devido sua inserção no processo de transformações societárias. O período da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985) é um marco importante para a profissão. Com a

complexificação das relações sociais, os assistentes sociais viram-se desafiados, tanto com as novas demandas trazidas pelo público que atendia - a classe trabalhadora -, quanto pelas novas requisições institucionais postas pelo processo de “modernização conservadora” empreendido pela classe burguesa (Netto, 2015). Tais desafios trouxeram, para a categoria profissional, a necessidade de discutir sobre suas bases teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política. E, desse modo, elaborar novas formas de ação profissional. De acordo com Netto (2015, p. 153), “articulam, especialmente, uma diferenciação e uma redefinição profissionais sem precedentes”.

O movimento dos assistentes sociais discutirem sobre a própria profissão, marcado por rupturas e continuidades, é conhecido na profissão como processo de renovação do Serviço Social brasileiro, de acordo com a obra de Netto (2015), e condicionou um pluralismo profissional. Para o autor, “erodida a base do Serviço Social ‘tradicional’, a reflexão profissional se desenvolveu diferencialmente - quer cronológica, quer teoricamente - em três direções principais, constitutivas do processo de renovação” (Netto, 2015, p. 200). Netto (2015) nomeia as três vertentes presentes neste processo de renovação, conforme sua análise sobre aquele período em: Perspectiva Modernizadora; Reatualização do Conservadorismo; e Intenção de Ruptura.

No envolver da história, ganhará destaque a vertente de Intenção de Ruptura. Desenvolvida nos muros das universidades, em meados de 1970, receberá influência do movimento de reconceituação do Serviço Social na América Latina, tendo como marco de formulação o Projeto da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais, o “Método BH” (Netto, 2015), e só ganhará o devido destaque a datar da década de 1980.

Os profissionais alinhados a esta vertente contrapunham-se totalmente à “autocracia burguesa”, ao sistema capitalista e aspiravam a um rompimento com o Serviço Social tradicional. “O fato central é que a perspectiva da intenção de ruptura, em qualquer das suas formulações, possuiu sempre um ineliminável *caráter de oposição* em face da autocracia burguesa” (Netto, 2015, p. 316).

Em resumo, a partir desta oposição, inspirados em novos referenciais teóricos - no caso, referências da tradição marxista - do reconhecimento da classe à qual de fato pertenciam e de uma aproximação com as lutas sociais, surge um perfil profissional crítico à ordem vigente, comprometido com os interesses e demandas

da classe trabalhadora. Nesse sentido, em sintonia com a perspectiva de construção de uma nova ordem societária, livre de qualquer exploração e dominação.

Posto isto, há um movimento de organização política da própria categoria profissional de Assistentes Sociais na construção de um projeto profissional, o denominado PEP, que ganha hegemonia com a transição democrática do final dos anos 1980, ancorado na liberdade enquanto valor ético central. O PEP expressa o compromisso profissional do Serviço Social com os interesses da classe trabalhadora e com a emancipação humana, fundamenta-se na crítica ao conservadorismo e na superação das referências teórico-metodológicas positivo-funcionalistas, alinhando-se ao projeto societário que visa a superação da sociabilidade capitalista.

Com o fim da Ditadura Civil-Militar o Brasil vivenciava a oportunidade de consolidar muitas conquistas para os cidadãos. Afinal, com a promulgação da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), conhecida como “Constituição Cidadã”, tinha-se a afirmação da legitimidade de direitos civis, sociais e políticos, em um contexto de democratização social e institucional, na esfera do Estado.

Como parte deste processo, tem-se a Seguridade Social compreendendo a Previdência Social, a Saúde e a Assistência Social. Esta, pela primeira vez, foi expressa em lei como um direito, sendo garantida para quem dela necessitar e sendo dever do Estado prestá-la. Este cenário de uma transição democrática com efervescência social, propiciou a consolidação da vertente da “Intenção de Ruptura”, isto é, uma vertente crítica do Serviço Social, orientada pelo novo PEP.

O PEP promoveu significativas mudanças no entendimento sobre as dimensões técnico-operativa, teórico-metodológica e ético-política do trabalho profissional e deu base para a nova forma de ação profissional. Se antes a preocupação do profissional era o “saber fazer”, ou seja, um perfil que o foco era o domínio de instrumentos e sua aplicação, doravante, a preocupação envolve, além do “saber fazer”, o porquê fazer e as implicações ético-políticas deste fazer (Guerra, 2002, p. 17).

Das inúmeras mudanças, a principal foi o entendimento das dimensões do trabalho profissional, enquanto indissociáveis, em que existe uma relação entre teoria e prática, onde uma dimensão está vinculada a outra. Mesmo cada dimensão possuindo a sua particularidade, “elas se constituem em diferentes níveis de

apreensão da realidade da profissão, entretanto, devem ser entendidas como indissociáveis entre si, formando uma unidade” (Pereira, 2015, p. 1). Abordamos dimensão enquanto princípios fundamentais que contribuem para a concretização da profissão e que formam sua base (Santos, 2002). Além disso, são construções históricas, que refletem as direções sociais tomadas em determinada conjuntura e, portanto, estão isentas de neutralidade. Vale ressaltar que a teoria não se constitui em um roteiro da prática e nem a prática se confunde com atividades empíricas (Guerra, 2002).

Nessa perspectiva, a ação profissional orientada pelo PEP, está baseada na unidade das três principais dimensões constitutivas da profissão: a teórico-metodológica, que fundamenta as respostas profissionais, ou seja, responde ao “por que fazer?”; a ético-política, relacionada a finalidade da ação, o “para que fazer?” e a técnico-operativa, referente ao uso de instrumentos e técnicas, estratégias e táticas, isto é, a operacionalidade da ação, que remete ao “o que fazer?” e o “como fazer?” (Paula, 2023).

A definição do instrumental (estratégias e táticas que orientam os instrumentos e técnicas) está fundamentada nessa unidade das dimensões e dependerá da intencionalidade do assistente social em sua ação, de suas finalidades e objetivos, baseado em seu projeto profissional, neste caso, o PEP. É substancial salientar que esta possibilidade de escolha está pautada na relativa autonomia no exercício profissional dos assistentes sociais.

Nesse sentido, no processo de construção do PEP, é importante destacar que, houve uma maior profundidade nas mudanças referentes às dimensões teórico-metodológica e ético-política e bem menor na técnico-operativa, conforme afirma Moreira (2015, p. 62):

As transformações culturais ocorridas no Serviço Social ao longo de seu processo sócio-histórico trouxeram mudanças radicais de ordem teórico-metodológica e ético-política na profissão, mas não tão profundas no que diz respeito aos seus aportes teórico-operativos. (Moreira, 2015, p. 62)

Em conformidade com Santos (2002), o desprezo pelos instrumentos e técnicas da concepção tradicional não culminou, ao mesmo passo, em discussão e inovação dos instrumentais a serem utilizados. A dimensão técnico-operativa, de acordo com Guerra (2012, p. 40), “é a forma de aparecer da profissão, pela qual é conhecida e reconhecida”, ela nos revela o “modo de ser” da profissão, a imagem

social e sua auto imagem, é constituída de elementos que objetivam projetos e efetivam as ações profissionais. Tais elementos, de acordo com Santos et al. (2012, p. 21) são:

As estratégias e táticas definidas para orientar a ação profissional, os instrumentos, técnicas e habilidades utilizadas pelo profissional, o conhecimento procedimental necessário para a manipulação dos diferentes recursos técnico-operacionais, bem como a orientação teórico-metodológica e ético-política dos agentes profissionais. (Santos et al., 2012, p. 21)

No atual PEP, hegemônico da profissão, os instrumentos e técnicas, elementos constitutivos da dimensão técnico-operativa, passaram por uma ressignificação. Vale destacar que, esta dimensão não se resume apenas aos instrumentos e técnicas, pois ela mobiliza a dimensão teórico-metodológica, no momento da análise do real e a ético-política, o posicionamento profissional (Santos et al., 2012).

Torna-se imprescindível particularizar sobre a dimensão técnico-operativa, que está em sua capacidade de instrumentalizar as ações de maneira adequada à realidade social em que o profissional se encontra, construindo alternativas, e de forma alguma está desvinculada de uma fundamentação teórica e ético-política (Santos, 2002).

O trabalho com grupos está diretamente relacionado com a dimensão técnico-operativa, faz parte do rol de elementos constitutivos dessa dimensão, que neste trabalho é entendido enquanto uma estratégia da ação profissional. Enquanto uma estratégia, vinculada à dimensão técnico-operativa e direcionada pelo PEP a Profissão, também é desenvolvida mediante articulação com as outras dimensões constitutivas da profissão. A saber, dimensão teórico-metodológica, ético-política, investigativa, interventiva e formativa (Guerra, 2023).

Levando em consideração as incontáveis alterações ocorridas na profissão, a começar do rompimento com o passado conservador da profissão, e que existe a demanda de discutirmos o “fazer profissional”, sem recair ao mero tecnicismo, e dado a debilidade do debate presente no projeto hegemônico sobre a dimensão técnico-operativa, realizaremos um detalhamento referente, principalmente, às modificações no trabalho profissional com grupo.

2.1. AS METAMORFOSES DO TRABALHO PROFISSIONAL COM GRUPOS NO SERVIÇO SOCIAL

O trabalho com grupo, ou trabalho profissional com grupo, está presente no Serviço Social desde a sua gênese. No início, foi influenciado por outras áreas, tais como, Psicologia, Sociologia, Psicanálise e Pedagogia. Além disso, pautado na tradição positivista e funcionalista, sob influência, principalmente, norte-americana, o trabalho com grupo era conhecido como “Serviço Social de Grupo” e utilizado enquanto “método”. Assim, era considerado enquanto:

(...) função de estabelecer relações positivas funcionais e de corrigir as disfunções, a preocupação com a obtenção de metas, e seu entendimento do grupo como sistema social que visa contribuir para o estado de funcionamento adequado do sistema maior do qual faz parte. (Cerqueira, 1981, p. 52 apud Moreira, 2023, p. 198)

Isto é, o objetivo era de ajustamento dos indivíduos ao meio social e conformação da classe trabalhadora com a ordem estabelecida, evitando conflitos. O exercício profissional nessa perspectiva, consoante a Santos (2002), se fortalece em ações - como respostas às requisições institucionais feitas ao profissional - que continuam centradas nos indivíduos, vistos como desajustados.

Mediante as elaborações baseadas na tradição marxista, teceu-se uma crítica à forma como era desenvolvido o trabalho com grupos, partindo-se de uma negação do “Serviço Social de grupo” enquanto “método”. Ainda, chama-se a “atenção para o caráter político dos instrumentais técnico-operativos, negando uma suposta neutralidade no seu manuseio, defendida pela razão instrumental, de cunho formal” (Santos, 2002, p. 28).

As elaborações contemporâneas não são convergentes sobre o trabalho com grupos, “o grupo é referenciado como instrumento, como prática, como abordagem e até mesmo, de modo restrito, como dinâmica de grupo” (Santos et al., 2012, p. 35). Além disso, Eiras (2017a e 2017b) aponta que as sistematizações das ações realizadas com grupos têm sido insuficientes para compreender a complexidade dos processos grupais.

Dessa maneira, é necessário evidenciar que neste trabalho há concordância com Eiras (2017a e 2017b) sobre o entendimento do grupo enquanto uma estratégia, haja vista que pode ser desenvolvido de diferentes formas, através de diferentes instrumentos e técnicas, que são escolhidos pelo profissional de acordo com a intencionalidade do trabalho (Santos et al., 2012).

Outra mudança que precisa ser destacada é referente aos objetivos do trabalho

com grupos. Se antes a profissão estava alinhada aos interesses da burguesia e atuava na reprodução do ideário burguês, em uma perspectiva de ajustamento das classes subalternas ao sistema capitalista, através das novas bases teóricas e do posicionamento profissional em favor dos interesses da classe trabalhadora, o Serviço Social passou a trabalhar com a estratégia do grupo em direção contrária.

Os objetivos estão vinculados a socialização de informações e saberes, dos direitos, reflexão e questionamento do que está posto, ou seja, desvelando a relação das situações com a lógica das relações sociais capitalistas e sua tônica na exploração do trabalho e na perpetuação das formas de opressão. Ademais, a relação entre assistente social e usuário deixou de ser de forma hierárquica, autoritária e passou a ter como princípio a horizontalidade, a democracia, o envolvimento do usuário, conforme está previsto no atual Código de Ética do assistente social (CFESS, 1993). Os processos grupais passam a ser pensados mediante as demandas dos usuários e visando uma participação deles mesmo no processo de definir e decidir os caminhos.

O usuário, para exercer seu papel de sujeito nessa relação - necessária para o acesso aos diferentes tipos de assistência enquanto direito -, precisa ter clareza do que vai viver, do que lhe é proposto; necessita estar disponível, informado, consciente. Só assim estará em condições de participar, de decidir, de também definir caminhos. (Vasconcelos, 1997, p. 146)

Portanto, o assistente social precisa esclarecer para o usuário sobre o que está propondo, dando oportunidade de ele questionar e argumentar contra ou a favor. A alteração na forma de intervir junto aos usuários coloca em evidência a função pedagógica do assistente social, que é inerente à profissão, e suas transformações seguem os contextos sociopolíticos nos quais o Serviço Social se insere (Moreira, 2015).

A partir das metamorfoses da profissão da década de 1980 em diante, Moreira (2015) salienta que se destacam duas tendências sobre o redimensionamento das funções socioeducativas do assistente social. Uma, nos limites da defesa dos direitos sociais. Outra, que evidentemente mostra-se compromissada com a superação da ordem capitalista. A dimensão pedagógica do trabalho do assistente social está diretamente ligada ao desenvolvimento do trabalho profissional com grupos.

Como é sabido, trabalho com grupo não é uma exclusividade do Serviço

Social, ele também é desenvolvido por um rol de profissões, que pode se constituir enquanto requisição institucional ou uma estratégia do profissional. Destarte, é indispensável destacar *a particularidade do trabalho profissional com grupos no Serviço Social*.

De acordo com Eiras (2017a e 2017b), a particularidade está relacionada às requisições organizacionais/institucionais e a inserção do Serviço Social neste processo. Isso porque a forma como é posta a requisição para o desenvolvimento de trabalho com grupo é diferente da forma como o assistente social vai respondê-la, quando inclui em sua análise, as necessidades reais dos usuários dos serviços (Eiras, 2017b), e realizará uma abordagem pedagógica pertinente a ambos. Outrossim, a autora também ressalta que:

Tal particularidade está relacionada às necessidades reais apresentadas pelos usuários e pelo público-alvo dos serviços sociais, e com o lugar que os assistentes sociais ocupam, de contato e de elaboração de respostas às mesmas. Ela se expressa, pela elaboração de novos conteúdos teórico-metodológicos e técnico-operativos, inscritos na configuração do Projeto Ético-Político, e das referências nas quais ele se constrói e se fundamenta, enquanto projeto profissional, abrindo a possibilidade (e colocando a necessidade) de referências críticas para o desenvolvimento do trabalho com grupos. (Eiras, 2017, p. 12)

É importante evidenciar, de acordo com Eiras (2017a e 2017b), que o trabalho socioeducativo realizado com grupo exige preparo e acúmulo profissional, tanto no planejamento, quanto na execução. Dessa maneira, é imprescindível que haja a devida análise crítico-dialética da realidade e a reflexão dos profissionais, quanto a questão contraditória de lidar com a requisição institucional do desenvolvimento de tal trabalho e também com as demandas e necessidades reais dos usuários atendidos.

Isto posto, é necessário conhecer a particularidade do trabalho realizado pelo assistente social nos diferentes espaços sócio-ocupacionais compreendendo a realidade vivida pelos usuários daquela instituição, sua inserção social e singularidade. Assim, no capítulo seguinte abordarei o processo de envelhecimento no Brasil e apresentarei brevemente o perfil da população idosa brasileira, abordando aspectos como gênero, raça/cor, renda, grau de instrução e inserção no mercado de trabalho. Em seguida, será exposta a compreensão acerca da particularidade dos idosos cadastrados na SBSP.

3. PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: UMA BREVE ANÁLISE DO PERFIL DA POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL

O envelhecimento é um processo gradual de alterações biológicas, psicológicas e sociais, que ocorre ao longo da vida, especificamente na idade adulta.

Além de mudanças físicas que ocorrem no processo de envelhecimento, como rugas, cabelos brancos, perda na força muscular e na flexibilidade, amplia-se a possibilidade de doenças crônicas. Porém, nessa etapa da vida biológica, como em todas as demais, há de se considerar a dimensão existencial, na qual se acumulam modificações da pessoa com o tempo e suas relações com o mundo. Ou seja, a velhice pode ser considerada uma construção social e, lamentavelmente, impregnada de preconceitos. (Sesc SP, 2024, s. p.)

No Brasil, de acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003), é considerada pessoa idosa o cidadão com idade igual ou superior a 60 anos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica como idosos as pessoas com mais de 65 anos de idade em países desenvolvidos e com mais de 60 anos nos países em desenvolvimento.

Apesar do envelhecimento ser algo normal da vida humana, ser um processo gradual de mudanças, é necessário destacar que ele não é um processo homogeneizante, ou seja, ele não é igual para todas as pessoas. Isso porque é fundamental levar em consideração as condições, objetivas e subjetivas, de vida do sujeito. Há impactos econômicos, sociais, culturais e políticos nesse processo. Haja vista nossa inserção na sociabilidade do capital, esse processo é multifacetado, sobretudo, por questões de classe social, gênero e raça. A velhice inclui, assim, além dos aspectos biológicos e cronológicos, aspectos sociais e psicológicos.

A autora Escorsim (2021, p. 428) destaca que “o processo de envelhecimento polariza-se nas relações de classe, ou seja, o envelhecimento da classe trabalhadora é profundamente desigual ao da classe burguesa, em se tratando de uma sociedade capitalista, como é o caso brasileiro”. O que vai ao encontro da defesa de Schneider e Irigaray (2008, p. 585) em que “condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes representações sociais da velhice e também do idoso”.

Isso significa dizer que a velhice pode ser considerada como construção social. Como uma construção social, a velhice pode ser vista de diferentes formas, a depender do contexto histórico.

A velhice é valorizada e respeitada ou desrespeitada e estigmatizada, dependendo dos contextos culturais. E da percepção da sociedade através do tempo, ora conferindo autoridade à pessoa idosa, ora lançando-a a uma condição de inferioridade por não mais exercer o poder da produtividade no mercado de trabalho e/ou pelas fragilidades vividas ou acometidas. (Sesc SP, 2024, s. p.)

O envelhecimento populacional passou a ser observado e tornou-se uma preocupação mundial, principalmente, a partir da década de 1970. No Brasil, estudos apontam que a transição demográfica ocorreu entre as décadas de 1960 e 1970 (Vasconcelos e Gomes, 2012). Se em 1950 o país era considerado extremamente jovem, ao final de 1970, já apresentava características de um processo de envelhecimento. Por intermédio dessas mudanças, os países passam a debater sobre o assunto e pensar ações voltadas para a população idosa. De acordo com Rauth e Py (2016),

Essa revolução mobilizou as pautas e as agendas de importantes conferências e reuniões na cúpula da Organização das Nações Unidas, a ponto de, em 14 de dezembro de 1978, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovar a Resolução no 33/52, convocando a I Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento. O propósito era constituir um fórum para iniciar um programa internacional de ação dirigido a garantir a segurança econômica e social das pessoas idosas, assim como oportunidades para que elas participassem da vida em sociedade. (...) Esse plano e os princípios por ele estabelecidos, a sua avaliação e revisão, que resultaram no II Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, foram importante influência na definição da legislação brasileira, especialmente da Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que sancionou a PNI. (Rauth e Py, 2016, p. 54)

O envelhecimento da população brasileira está relacionado com o aumento da expectativa de vida no país, queda na taxa de fecundidade e na taxa de mortalidade, e diretamente relacionado com as mobilizações populares e conquistas históricas ao longo dos anos. Como pioneira, tivemos a Lei Eloy Chaves (Brasil, 1923) que criou as Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAPs), em resposta às greves dos ferroviários nas estradas de ferro que o poder público instituiu o direito à aposentadoria para os ferroviários (Agência Senado, 2019). No ano de 1934, com a promulgação da Constituição (Brasil, 1934), o Brasil passou a reconhecer como um direito dos trabalhadores a previdência social, e ao passar dos anos, ela foi sofrendo alterações, como a questão do financiamento, por

exemplo.

Para além disso, temos a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), “na qual o segmento idoso é reconhecido e tem seus primeiros direitos sociais assegurados” (Rauth e Py, 2016, p. 55). Isto, principalmente, pelo tripé da Seguridade Social: Saúde, Previdência Social e Assistência Social; a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que garantiu o Benefício de Prestação Continuada (BPC), que é a garantia de um salário mínimo por mês ao idoso com idade igual ou superior a 65 anos ou à pessoa com deficiência de qualquer idade, o único benefício garantido em lei como um direito (Brasil, 1993). Ademais, temos a lei nº 8.842, de 1994, referente a criação da Política Nacional do Idoso e do Conselho Nacional do Idoso (Brasil, 1994); o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003), como um marco fundamental, por garantir os direitos específicos da população idosa. Em congruência com o Editorial 86 do Sesc São Paulo (2024), intitulado História da Velhice no Brasil: 60 Anos de Mudanças, Conquistas e Desafios,

O Estatuto da Pessoa Idosa possui 118 artigos que consolidam os direitos conferidos pelas diversas leis federais, estaduais e municipais referentes à saúde, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, à profissionalização e ao trabalho, à previdência social, à assistência social, à habitação, ao transporte, à fiscalização de entidades de atendimento e à tipificação de crimes contra a pessoa idosa. Referendando, portanto, as premissas para o combate ao idadismo, contra qualquer tipo de exclusão e discriminação às pessoas com 60 anos ou mais. (Sesc SP, 2024, s. p.)

Para mais, foram publicadas a Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006 (Brasil, 2006), que aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI) e a Lei nº 11.551, de 2007, que instituiu o Programa Disque Idoso (Brasil, 2007) para atender denúncias de maus-tratos e violência contra as pessoas idosas.

Imprescindível evidenciar que todos os avanços sociais para a população brasileira, em especial a população idosa, é fruto de muitas lutas e disputas. Exemplificando, as greves operárias da década de 1930, que, inclusive, foram duramente reprimidas, reivindicando regulamentação da jornada de trabalho, descanso semanal remunerado, férias, aposentadoria e outros. Ainda, as manifestações de vários setores da sociedade por melhores condições de vida e na luta pelo fim da ditadura civil-militar, iniciada em 1964.

O envelhecimento na sociedade do capital e, principalmente, em contexto do neoliberalismo enfrenta diversos desafios e problemas. Afinal, existe mais

preocupação com o mercado do que com a sociedade. Segundo Faleiros (2016, p. 539), “considerar o envelhecer no contexto do capitalismo contemporâneo e na ótica do neoliberalismo implica analisar as contradições da constituição de direitos e da sua implementação, pois o Estado, em articulação com o mercado, busca reduzir direitos e benefícios, afetando todos os segmentos, inclusive o das pessoas idosas”. Nesse sentido, Faleiros (2016, p. 543) aponta que:

No contexto do capitalismo e considerando-se a mudança demográfica, as experiências participativas e a pressão de forças sociais, propõem-se políticas orientadas para a atividade e a manutenção da vida saudável por mais tempo, o que pode reduzir os gastos da seguridade social, melhorando a qualidade de vida no envelhecimento e mantendo a força de trabalho ativa e contribuinte. Esse paradigma de envelhecimento ativo entrou na agenda pública no contexto das mudanças políticas e econômicas relativas à redução do número de contribuintes em comparação ao de aposentados, considerando-se o aumento da longevidade. As políticas para a velhice passam a estimular as atividades físicas e os cuidados com o estilo de vida que reduzem a incidência precoce de doenças. (Faleiros, 2016, p. 543)

Há um tempo, idoso era visto como inútil, incapaz, dependente, sinônimo de doença, e para o capital, como descartável, pois perde seu valor de uso, isto é, perde a condição de vender a força de trabalho, pelo esgotamento das forças físicas. Esses estigmas e preconceitos ainda estão presentes atualmente, porém, com o avanço e consolidação do neoliberalismo surgem outros estigmas, individualizantes e culpabilizantes. Como é o caso do argumento do Estado brasileiro, de que há uma sobrecarga na Previdência Social com gastos em aposentadorias, a chamada falência do financiamento da Previdência Social.

Além disso, observa-se uma pseudo valorização do envelhecimento saudável e ativo, pois este é usado como nicho de mercado, em que são ofertados serviços específicos para aproveitar a “melhor idade”, a “idade de ouro”. Teixeira (2021, p. 448) aponta que:

Essa tendência homogeneizante perdura até os dias atuais, seja na compreensão do envelhecimento como declínio, decadência, improdutividade, pobreza, abandono, como problema social; seja dos idosos como seres ativos, participativos, independentes, autônomos que ressignificam suas experiências e representações da velhice, projetam-se para o futuro com disposição e saúde, o que deu origem às expressões “terceira idade”, “melhor idade”, dentre outras. (Teixeira, 2021, p. 448)

O debate sobre o envelhecimento é um assunto emergente e divide opiniões,

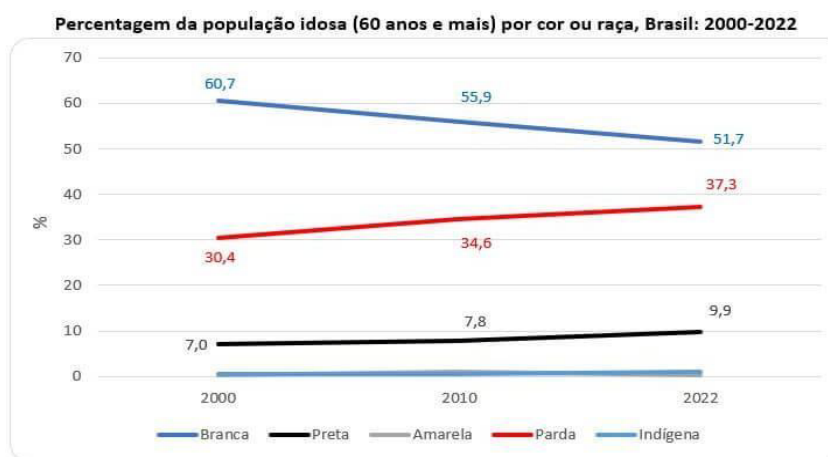
contudo, é importante destacar que:

Estas pseudovalorizações nos impedem de enxergar realmente a essência neste movimento reificado do aparente, nos dificulta conhecer as potencialidades e dificuldades desta fase, propalada pelo capital de forma ambivalente, visando construir um mercado consumidor e mascarando as desigualdades que perpassam essa fase da vida. (Souza; Vilione; Soares, 2017, p. 248)

Conforme o último Censo Demográfico (IBGE, 2022a), o número de pessoas idosas no Brasil teve um crescimento significativo, demonstrando um envelhecimento populacional. O número de idosos (60 anos ou mais) em 2022 era de 32.113.490 pessoas (15,8%). Se comparado com o ano de 2010, esse número era de 20.590.597 idosos (10,8%), um aumento de 56%, o que indica um envelhecimento da população brasileira. Consoante com as Projeções da População (IBGE, 2018), no Brasil, em 2060, um quarto da população (25,5%) deverá ter mais de 65 anos. O aumento da expectativa de vida está relacionado com uma série de fatores, como os avanços da medicina, pesquisas científicas, acesso ao saneamento básico, à saúde, à educação, às informações, melhorias na qualidade de vida e outros.

A respeito da questão de gênero da população idosa (IBGE, 2022a), 14.225.753 (44,3%) pessoas são homens e 17.887.737 (55,7%) são mulheres. Sobre a autodeclaração de raça/cor, o Censo Demográfico (IBGE, 2022a) aponta que 51,7% da população idosa (60 anos ou mais) se autodeclaram branca; 37,3% parda; 9,9% preta; 0,8% amarela e indígena 0,4%. Apesar da maioria dos idosos se autodeclaram brancos, esse número reduziu. Em 2000, o percentual era de 60,7%, enquanto pretos e pardos eram de, respectivamente, 7% e 30,4%.

Gráfico 1 - Percentagem da população idosa (60 anos e mais) por cor ou raça, Brasil: 2000-2022.



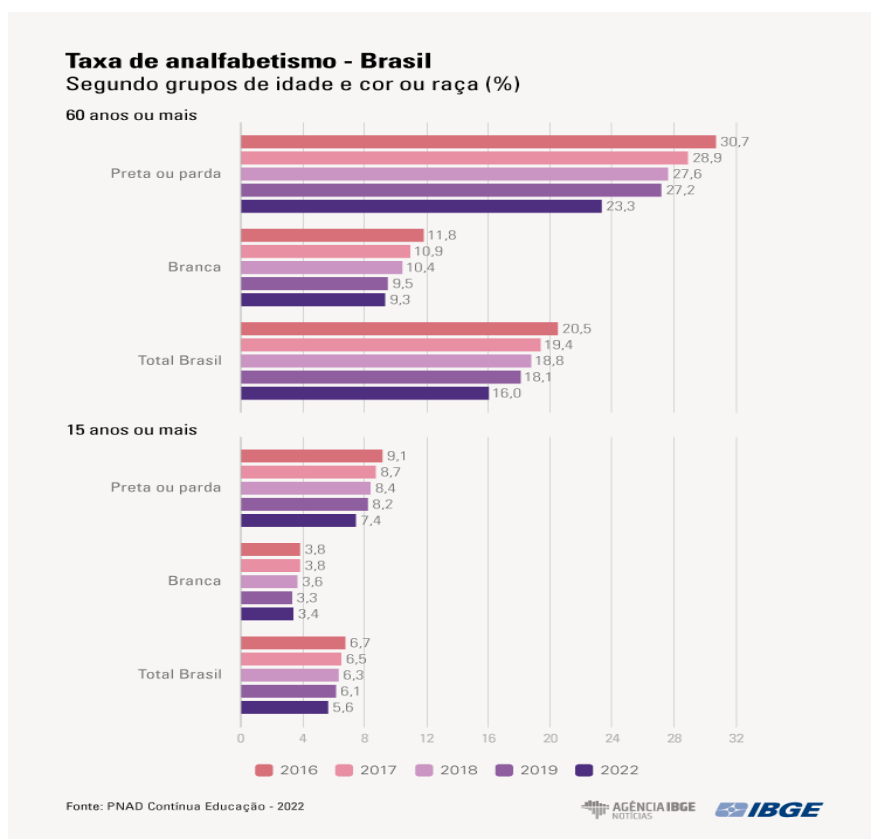
Fonte: IBGE (2022a).

Apesar da maioria da população brasileira ser negra e parda (45,3% parda e 10,2% preta, sendo um total de 55,5%), observa-se que isso não se reflete no envelhecimento, dado que a porcentagem de idosos que se autodeclaram brancos é maior.

É necessário evidenciar que existem alguns fatores que influenciam nessa diferença, pois as condições de vida da população negra e parda é totalmente diferente da população branca. Por exemplo, em conformidade com a Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira (2023), o percentual de homens pretos ou pardos que trabalham na informalidade era de 46,6%, enquanto o dos homens brancos era de 33,3%. Já o percentual das mulheres pretas ou pardas era de 46,8% e das mulheres brancas, 34,5%.

A respeito da taxa de analfabetismo, o Censo de 2022 indica que as taxas das pessoas acima de 60 anos, eram de 16%, sendo 23,3% pessoas pretas ou pardas, e 9,3% pessoas brancas. O nível de instrução vai influenciar diretamente nos cargos ocupados.

Gráfico 2 - Taxa de Analfabetismo



Fonte: Agência Notícias IBGE (2022a).

O nível de instrução vai influenciar diretamente nos cargos ocupados. Em conformidade com a síntese de indicadores sociais, uma análise das condições de vida da população brasileira (IBGE, 2023), o percentual de homens pretos ou pardos na informalidade era de 46,6%, enquanto o dos homens brancos era de 33,3%. Já o percentual das mulheres pretas ou pardas era de 46,8% e das mulheres brancas, 34,5%. Ainda de acordo com o Censo Demográfico (2022), a população idosa com idade entre 60 e 70 anos era de 19.225.474 milhões, entre 71 e 80 anos era de 8.913.447, de 81 a 90 anos era de 3.364.058, por fim, de 90 a 100 anos ou mais era de 610.511.

Segundo o Informe da Previdência Social (Brasil, 2023, p. 17), “de acordo com os dados da PNADC 5ª visita, a quantidade de pessoas idosas que estavam socialmente protegidas no Brasil em 2022 foi de 27,0 milhões, alcançando uma taxa de proteção previdenciária e assistencial de 83,4%”. A pesquisa ainda aponta que “no total, 23,1 milhões de pessoas idosas (ou 71,3% da população idosa) eram beneficiárias da Previdência Social, enquanto 1,7 milhões estavam ocupadas e contribuindo e 1,3 milhão eram beneficiárias do BPC” (Brasil, 2023, p. 17).

No tocante a parcela de idosos desprotegidos, o número total foi de 5,4 milhões (Brasil, 2023). Deste número, 70,7% (ou, 3,8 milhões) são idosos desprotegidos inativos, ou seja, pessoas fora da força de trabalho. Havia ainda 1,4 milhão de idosos desprotegidos ocupados (25,9% do total de desprotegidos), e 177,8 mil idosos desprotegidos não ocupados (3,3% do total). Dos idosos que possuem cobertura previdenciária e assistencial, o estudo (Brasil, 2023) indica que 12.340.537 milhões são homens e 14.684.526 milhões são mulheres. No quesito raça/cor, a taxa de cobertura previdenciária e assistencial dos homens é: branca, 88,4% possuem cobertura; negra, 84,5%; amarelo, 88,2% e indígena, 79,5%. Das mulheres é: branca, 80,9% possuem cobertura; negra, 81,2%; amarelo, 81,7% e indígena, 80,5%.

A inserção dos idosos no mercado de trabalho, consoante com a PNADC (IBGE, 2022b), do terceiro trimestre de 2022, era de 7,4%. A taxa de ocupação era de 22,8%. Dos idosos desocupados, o percentual era de 3,5%. Tratando-se sobre renda familiar, a proporção de idosos que são referência da família no Brasil, com base na análise do Observatório Nacional da Família (Brasil, 2021), o percentual em 2015 era de 9,2%. Ainda, observa-se um aumento de 50%, entre os anos de 2001 e

2015.

O valor da aposentadoria e do BPC, contudo, para muitos não é o suficiente para viver. Uma pesquisa do Laboratório de Desigualdades, Pobreza e Mercado de Trabalho (PUC RS, 2023), revelou que 2,8 milhões de idosos vivem abaixo da linha de pobreza no Brasil. A pesquisa levou em consideração idosos com 65 anos ou mais, valor referente aos critérios da aposentadoria e do BPC. Além disso, em reportagem da CNN (2023) é apresentado que “sete em cada dez idosos brasileiros não consideram que o dinheiro de uma aposentadoria é suficiente para viver [...] Gastos com saúde estão entre os mais relevantes para 49% dos idosos ouvidos, atrás apenas dos gastos com alimentação, considerados os mais relevantes por 69%”. O que vai ao encontro das pesquisas do IPEA (2024, s. p.) em que:

Os idosos negros relatam condições de saúde mais precárias e mais agressões pelo meio ambiente, refletidas no aumento das internações por quedas e acidentes de transporte. Esse grupo também é o que mais utiliza o Sistema Único de Saúde (SUS). Essa maior utilização do SUS entre idosos negros pode estar refletindo suas condições socioeconômicas desfavoráveis, desigualdades estruturais e dificuldades de acesso a serviços sociais, presentes desde a infância. (IPEA, 2024, s. p.)

Os dados de ambas pesquisas são essenciais para falarmos sobre a qualidade de vida dos idosos no Brasil. Como falar em envelhecimento ativo, em aproveitar “a melhor idade” para uma população que investe o pouco que ganha em necessidades básicas como a saúde e alimentação?

Além da problemática sobre a renda insuficiente para a população idosa, outro agravante é a questão da saúde mental. Visto que a Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE, 2019) indica que os idosos entre 60 e 64 anos representavam a faixa etária proporcionalmente mais afetada, com um percentual de 13,2%. O preconceito por conta da idade, o etarismo, é um dos motivos principais que afeta a saúde mental da população idosa, sobretudo porque passam a se isolar.

Outro fator relevante são as violações dos direitos da pessoa idosa e a violência que sofrem. O Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania divulgou que o Brasil registrou “mais de 202 mil violações de direitos contra pessoas idosas no 1º trimestre de 2023” (Brasil, 2023, s. p.). Além disso, foram 22.636 registros de denúncias de abandono de idosos (G1, 2024).

3.1. A PARTICULARIDADE DA POPULAÇÃO IDOSA DA SOCIEDADE

BENEFICENTE SOPA DOS POBRES

Baseada na análise do perfil dos idosos do Brasil, com dados do IBGE (2022a e 2022b), apresento neste momento o perfil dos idosos que acessam à SBSP. Do total de idosos cadastrados (100%), 41,2% são homens e 58,8%, mulheres. Desse total, sobre a autodeclaração de raça/cor, 47% dos idosos se consideram negros, 17,6% pardos, 29,4% brancos e 6% amarelo.

Sobre a questão da renda, 58,8% são aposentados, 17,6% são pensionistas, 17,6% recebem BPC e 5,8% recebe o Bolsa Família (BF). A respeito das faixas de idade, 64,7% estão com idade entre 60 e 70 anos, 23,5% estão entre 70 e 80 anos e 11,7% estão entre 80 e 90 anos. Para finalizar, no quesito escolaridade, 17,6% são analfabetos, 58,8% possuem ensino fundamental incompleto, 5,8% possui ensino fundamental completo, 11,7% possuem ensino médio incompleto e 5,8% possui ensino médio completo. Nenhum idoso possui ensino superior.

Ao analisar o perfil dos idosos, verifica-se que a maioria são mulheres, a maior parte se autodeclara preta ou parda, todos possuem proteção social da Previdência Social ou da Assistência Social, a maior parte está com idade entre 60 e 70 anos e a maioria não completou o ensino fundamental.

Comparando esses perfis, percebe-se que o perfil dos idosos da SBSP é muito próximo do perfil da população idosa do Brasil, entretanto, existe um dado que diverge, que é o quesito raça/cor. Na SBSP, o maior número são de pretos e pardos, enquanto no Brasil, o maior número de idosos são brancos. Estamos falando de uma instituição vinculada à política de assistência social, à vista disso, essa política é voltada para cidadãos e grupos que se encontram em situações de “vulnerabilidade e riscos”. Ou seja, no Brasil, a maior parte é a população negra e parda, por uma série de fatores, como apontamos a questão do nível de instrução e cargos ocupados. Assim, também na velhice, a população que mais acessa a política de assistência é a população negra e parda, como acontece na SBSP.

Uma questão particular que pode ser observada na SBSP é que, em geral, esses idosos vivem sozinhos ou possuem poucos vínculos familiares. Por conta disso, possuem muito vínculo com a rua, andam bastante, acessam outras instituições filantrópicas e só vão para casa para dormir, praticamente.

4. ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE COORDENAÇÃO DO GRUPO RENASCER

Neste capítulo apresentarei e analisarei a experiência de coordenação do grupo Renascer em três partes. Em primeiro lugar, abordarei sobre a importância da função pedagógica do assistente social. Em segundo, será exposto como foi a minha inserção enquanto estagiária da SBSP e como ocorreu o processo para assumir a função de coordenadora do Programa Renascer. Posteriormente, apresentarei os temas trabalhados e as atividades realizadas com o grupo durante o período que fui coordenadora. Por fim, realizarei uma exposição e análise do trabalho realizado. Nesse sentido, é necessário retomar alguns aspectos da reflexão apresentada no segundo capítulo, destacando a importância da função pedagógica do assistente social no desenvolvimento do trabalho com grupos.

Apontamos anteriormente sobre a função pedagógica do assistente social, que está relacionada aos esclarecimentos que são dados, o acesso à informação, ações que provocam mudanças no modo de pensar e viver, ações de mobilização e formação política. Vale destacar, em congruência com Eiras (2017a, p.129) “O entendimento que o profissional possui sobre o trabalho socioeducativo é condicionado pela vinculação a um projeto profissional”. À vista disso, essa função pode ser apenas nos limites de defesa dos direitos sociais ou na perspectiva da disputa pelas condições que propiciem a emancipação humana, o que implica na superação da exploração e da dominação peculiares à sociabilidade capitalista.

A dimensão pedagógica do trabalho do assistente social está diretamente relacionada ao trabalho profissional com grupos, pois influencia na *particularidade do trabalho profissional com grupos no Serviço Social*, que “não se baseia na exclusividade das requisições institucionais no âmbito das organizações/instituições em que se insere. Tal particularidade está relacionada às necessidades reais apresentadas pelos usuários e pelo público-alvo dos serviços sociais” (Eiras, 2017a, p.12).

O assistente social não apenas desenvolve um trabalho com grupos alicerçado no conteúdo posto pela organização/instituição em que está inserido, em uma mera reprodução do que está colocado. O profissional em questão também leva em consideração aquilo que é apresentado pelos usuários do serviço. Por isso, para escolher a estratégia de trabalho com grupos é preciso ter cautela, pois estará lidando com expressões concretas de problemas revelados no âmbito

sócio-organizacional.

Por vezes, o assistente social lida com uma incompatibilidade. Nem sempre as demandas apresentadas pelos usuários requerem uma intervenção com grupo, todavia esta intervenção pode ser uma requisição institucional e, para mediar a situação, o profissional precisa pensar em um campo temático transversal àqueles usuários. Dessa forma, mais uma vez, é de fundamental importância que o profissional se prepare para o trabalho socioeducativo realizado grupalmente, conhecer a real situação dos usuários e apreender o campo temático que será trabalhado, faz toda diferença no processo pedagógico e na relação intergrupal. O assistente social tem uma posição favorecida de acesso ao usuário, trabalha com dois instrumentos essenciais, no momento do atendimento, dispõe das entrevistas e da linguagem.

Apoiado no que o profissional conhece da realidade de vida e da história do usuário, o primeiro analisa o que há em comum do último com os outros usuários em vias de elaborar o campo temático que fará sentido para o grupo. Em conformidade com Eiras (2017a, p. 143),

No trabalho socioeducativo é necessário partir da história de vida dos sujeitos porque essa história revela concretamente o caminho percorrido, as opções existentes e as escolhas possíveis efetivadas pelos sujeitos. Ou seja, revela “o lugar” no qual “os sujeitos estão”, “as perspectivas” que movem “os sujeitos”. A história de vida de cada sujeito constitui a sua verticalidade na relação com o grupo, é a marca que o caracteriza e o diferencia na inserção grupal. É também a referência a partir da qual ocorre o aprendizado, as alterações e transformações subjetivas na interação com os processos grupais. (Eiras, 2017a, p. 143)

Esse campo temático orienta o trabalho com grupos e supõe o desenvolvimento de reflexões a ele relacionadas. Os temas abordados em cada reunião estão interligados ao campo temático e são planejados para serem trabalhados em um determinado número de reuniões (Eiras, 2017a). É essencial que seja estipulado uma quantidade de reuniões sobre esse campo temático, para que não ocorra um esgotamento e, conseqüentemente, que o grupo não desanime de participar.

Esses elementos teóricos estiveram presentes durante o processo de coordenação do Grupo Renascer, na medida em que eu avançava no planejamento e execução das atividades previstas, além da retomada de aspectos teóricos (os quais apresentei no capítulo 2), em um movimento de ação/reflexão que estimulou o

engajamento na tarefa de coordenar tais atividades junto ao grupo.

4.1. ASSUNÇÃO DA FUNÇÃO DE COORDENADORA DO PROGRAMA RENASCER

A minha inserção enquanto estagiária de Serviço Social, da SBSP, ocorreu em setembro de 2023. Iniciei acompanhando a minha então supervisora de campo nos preparativos dos procedimentos necessários para a coordenação e execução do Programa de Atenção à Pessoa Idosa, Renascer. Nos primeiros encontros, eu observava como ela organizava a atividade, sempre levando em consideração situações da realidade dos idosos, dedicando, assim, atenção ao modo como ela conduzia o grupo.

A primeira função que ela me deu foi de ser responsável por produzir o relatório semanal do grupo. A primeira vez que ela pediu para eu conduzir a atividade foi em novembro de 2023, em que trabalhei frases, palavras e atitudes racistas do dia-a-dia, tendo como inspiração o Dia Nacional da Consciência Negra, datado anualmente em 20 de novembro.

Nos meses de novembro e dezembro de 2023, a instituição passou por transição de assistente social, pois quem estava pediu para sair. Por consequência, em janeiro de 2024, a nova assistente social passou a ser minha supervisora de campo. No início, ela solicitou que eu assumisse o programa Renascer, conversei e expliquei que achava um pouco precipitado, pois eu ainda nem tinha começado o estágio obrigatório II¹, estava no estágio não obrigatório². Combinei de auxiliá-la no planejamento das atividades e continuar responsável por produzir relatório semanal.

Pelo fato de estar presente em todos os encontros, comecei a conhecer os

¹ O Estágio Obrigatório é uma disciplina na FSS/UFJF, constituindo-se como estágio supervisionado, acompanhado sistematicamente por um professor, supervisor acadêmico e por um assistente social, supervisor do campo de estágio na organização/instituição onde o mesmo se realiza. São três módulos de estágio e cada um possui objetivos diferentes. Estágio I: desenvolvimento de habilidades com relação a compreensão das políticas sociais específicas da realidade profissional, caracterização da população usuária, estudo de demandas e realização de análise institucional. Estágio II: desenvolvimento de habilidades com relação a formulação de estratégias de ação, definição dos instrumentais de trabalho, reconstrução dos objetos de intervenção e avaliação dos produtos do trabalho. Estágio III: desenvolvimento de habilidades com relação a coordenação de frentes de trabalho, sistematização da prática profissional, avaliação do desenvolvimento dos projetos e impacto da atuação profissional junto à população usuária dos serviços sociais.

² O Estágio não obrigatório é permitido para alunos inseridos em campos de estágio que oferecem bolsas, ou seja, estágio remunerado. O acompanhamento do estágio obrigatório e do não obrigatório é diferente.

idosos e a criar vínculos com estes. Sempre que me viam na SBSP, conversavam comigo. Em início de março, pensei em uma estratégia de acompanhamento, sempre que alguém estava afastado ou faltava, quando eu via a pessoa, eu perguntava como ela estava, se estava tudo bem e se tinha acontecido alguma coisa para ela ter faltado ao encontro e depois, falava que havia sentido falta dela no grupo e aguardava por ela na próxima semana.

A estratégia deu certo e influenciou na média de participação do grupo nos meses de março e abril. Entretanto, nos meses seguintes, a média voltou a cair e avalio que a equipe de Serviço Social não teve um planejamento de atividades tão alinhado com os interesses do grupo, principalmente porque as atividades estavam sendo muito improvisadas, sem antecedência no planejamento. Ao observar isso e por perceber ter criado bastante vínculo com o grupo, em agosto, comecei a conduzir com mais frequência o grupo.

Eu ainda não havia assumido o planejamento, mas comecei a propor temas e atividades que percebia que estavam mais relacionadas com o grupo. Com isso, a média voltou a subir e eu consegui fazer um trabalho de consolidação do grupo. Como resultado desse processo de aproximação e acompanhamento do grupo, escolhi como ação de maior autonomia do Estágio Obrigatório III a coordenação do Renascer, em que ficaria responsável pelo planejamento e pela execução a partir de novembro.

A função de coordenação do grupo foi assumida em novembro de 2024 e encerrada no dia 03 de fevereiro de 2025. Nesse momento, eu já havia definido o tema do meu TCC e o compromisso em realizar uma análise dessa experiência de coordenação do grupo por um processo dialético de ação e reflexão. Foram doze (12) encontros sob a minha coordenação. Segue o quadro abaixo com as datas e os respectivos temas trabalhados em cada encontro.

Quadro 1 - Cronograma das atividades realizadas com o Grupo Renascer

Atividade	Data	Encontro
Tema “Etarismo/idadismo/ageísmo”	04/11/2024	1º
Tema “O que é ser idoso e quais as vantagens em ser idoso?”	11/11/2024	2º
Tema “Envelhecimento: o processo de se reconhecer enquanto idoso”	18/11/2024	3º
Campanha do “Outubro Rosa” e do “Novembro Azul”	25/11/2024	4º
Tema “O que é liberdade?”	02/12/2024	5º

Avaliação das Atividades de 2024	09/12/2024	6º
Bingo	16/12/2024	7º
Festa de Encerramento das Atividades de 2024	23/12/2024	8º
Boas-vindas e Campanha do “Janeiro Branco”	06/01/2025	9º
Exercício de perguntas e respostas com a brincadeira do “o que é, o que é?”	13/01/2025	10º
Tema “História da Previdência Social no Brasil”	20/01/2025	11º
Tema “Direitos trabalhistas para idosos”	03/02/2025	12º

Fonte: Coordenação Grupo Renascer. Elaboração Própria (2025).

4.2. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DO TRABALHO REALIZADO

O campo temático que orientou o trabalho com o grupo Renascer foi delimitado na perspectiva do envelhecimento na particularidade dos idosos que frequentavam a SBSP. Os temas tratados em cada reunião foram desdobramentos dessa compreensão do campo temático e foram propostos sequencialmente, não foram organizados previamente em um cronograma.

No primeiro dia na execução do trabalho, o tema escolhido para trabalhar com o grupo havia sido solicitado pelos idosos há alguns meses, quando pediram para que falássemos sobre o preconceito com o idoso. A proposta foi a de debater o preconceito com os idosos, apresentando o preconceito por causa da idade e esclarecendo que é um preconceito que atinge a todos, seja jovem, seja velho.

Na segunda semana, resolvi dar sequência na temática sobre a pessoa idosa, para trabalhar a memorização dos idosos, referente ao que já havia sido trabalhado no primeiro encontro, e, com isso, estimular uma maior participação dos idosos, já que ficam mais familiarizados com o tema e interagem mais. A ideia do tema surgiu por meio do debate anterior, de que a idade é apenas um número e que ela não pode definir o que uma pessoa pode ou não fazer.

Nesse segundo encontro, os idosos tiveram falas relacionadas ao processo de se reconhecer enquanto idoso, muitos disseram que não se sentem idosos, pois gostam de viver, de aproveitar a vida, possuem vitalidade. Ainda, um deles disse que não viveu para envelhecer, pois vivia de forma arriscada, com muitas aventuras. Isso me despertou a ideia de discutir com eles em que momento de fato se enxergaram como idoso e como é ser idoso. Afinal, frequentemente, não existe uma preparação

para a aposentadoria e para viver esse momento da vida, quando as pessoas se dão conta, elas já estão aposentadas e com uma rotina completamente diferente do que ela vivia. E então discutimos no terceiro dia sobre “envelhecimento: o processo de se reconhecer enquanto idoso”.

No quarto encontro, estava agendada uma apresentação sobre as campanhas do “Outubro Rosa” e do “Novembro Azul”, relacionadas ao câncer de mama e câncer de próstata, respectivamente. Para essa atividade, convidei a Ascomcer (2025), uma instituição de Juiz de Fora, especializada no tratamento de câncer. Assim, nesse dia, a Ascomcer indicou uma enfermeira para conduzir a palestra. O tema foi escolhido para chamar a atenção dos integrantes do grupo para os cuidados com a saúde, pois o câncer de mama é o tipo que mais acomete as mulheres e o de próstata o que mais acomete os homens.

No quinto encontro, trabalhamos sobre liberdade. O objetivo era apresentar o que é liberdade, de acordo com as legislações, por exemplo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) e a Constituição Federal (Brasil, 1988). Além disso, refletir e debater sobre a liberdade na sociabilidade capitalista e apresentar o conceito de liberdade de acordo com as formulações da teoria social de Marx, condizente com o referencial teórico-metodológico do qual compartilho a fundamentação para o trabalho profissional.

No sexto encontro, a fim de aprofundar a relação de participação ativa e democrática que me orientou na coordenação deste trabalho e com o objetivo de ter uma avaliação qualitativa das atividades que foram desenvolvidas para projetar as seguintes, foi proposto um dia exclusivo para os idosos avaliarem o Renascer no ano de 2024. Desse modo, elaborei algumas perguntas sobre as atividades e tudo que as envolve e apliquei o questionário³.

Os dois últimos encontros do mês tiveram uma programação diferenciada, por ser o encerramento das atividades de 2024. O jogo do bingo é muito solicitado pelos idosos, eles gostam muito quando realizamos e também é uma atividade importante para trabalhar memória, agilidade e atenção, habilidades que os idosos vão perdendo gradativamente. Fizemos um jogo do bingo, no sétimo encontro e a proposta foi de ser um bingo democrático, todos ganhariam prêmio, independente de ter completado cartela ou não.

Para concluir as atividades de 2024, realizamos uma festa de encerramento.

³ A avaliação e as respostas dos participantes serão apresentadas oportunamente.

Foi oferecido um lanche especial para os idosos. Em seguida, realizamos um amigo oculto entre eles, com presentes ofertados pela instituição. Os idosos ficaram super empolgados, relataram que a ideia foi bem criativa e que gostaram muito. Apesar de terem ficado contentes com o amigo oculto, eles não fizeram muito suspense para revelar a pessoa que sortearam.

Para o nono encontro do ciclo, a proposta para o primeiro momento foi de realizar as boas-vindas, a apresentação da equipe de Serviço Social, a apresentação dos participantes e a apresentação do programa. Posteriormente, trabalhei com eles a respeito da campanha do “Janeiro Branco”, dedicada à promoção da saúde mental e emocional.

A atividade programada para o décimo encontro foi um exercício de perguntas e respostas com a brincadeira do “o que é, o que é?”. Dividi os idosos em três (3) grupos de quatro (4) pessoas e um (1) de cinco (5) pessoas. Eles tiveram dois (2) minutos para pensar coletivamente na resposta. O grupo que acertasse ganhava ponto e ao final, o grupo que tivesse mais pontos ganhava um prêmio.

No penúltimo encontro com o grupo trabalhei sobre a história da Previdência Social no Brasil, abordando a Lei Eloy Chaves (Brasil, 1923), os benefícios previdenciários e o BPC para os cidadãos de baixa renda com deficiência ou com idade acima de 65 anos que não cumpriram os requisitos contributivos para acessar os benefícios da Previdência. Além disso, abordei brevemente acerca do tripé da Seguridade Social.

Por questões de saúde, não pude estar presente no dia 27 de janeiro de 2025, que seria o último encontro sob minha coordenação. A equipe de Serviço Social conduziu o encontro e fez uma brincadeira de “Qual é a música?”. Para finalizar meu ciclo, realizei o último encontro no dia 03 de fevereiro, e trabalhei com os idosos sobre “direitos trabalhistas para idosos”, já que foi uma questão colocada na avaliação do dia 09 de dezembro de 2024, sendo uma sugestão de tema a ser abordado.

4.3. REFLEXÕES A PARTIR DO ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO GRUPAL

Cabe aqui realizar uma análise do processo grupal do Renascer. Antes, consoante a Eiras (2017b, p. 6), “o grupo não é um todo fechado em si. A produção

do grupo envolve o processo pelo qual o grupo se produz, atravessado e inserido em processos mais amplos, nele presentes”. Essa citação refere-se à explicação do que é processo grupal, em que Eiras se baseia nas definições de Lane (1988) e Lourau (2004). Para essa exposição, alguns elementos serão retomados, em relação às informações apresentadas anteriormente, mas a intenção é avançar na apresentação dos procedimentos técnico-operativos e na interação com os idosos participantes.

Deste modo, nos três (3) primeiros encontros, o grupo dedicou-se a refletir sobre a condição do idoso na sociedade. Primeiro, entendendo como se dá o preconceito com idoso, relacionado ao etarismo, através de exemplos: negar contratação a uma pessoa mais velha sob a alegação de não se adaptar às tecnologias; tratar pessoas idosas com infantilização, como se fossem incapazes; estereótipos de idosos como frágeis, doentes ou teimosos. Por fim, falamos das consequências do etarismo, como o impacto na saúde mental da população idosa, causando, em maioria, um isolamento social do idoso.

No segundo encontro, tivemos pela primeira vez uma atividade realizada em subgrupos, a fim de trabalhar o vínculo e a interação entre os participantes. Foram quatro (4) grupos, cada um deveria discutir e formular uma resposta coletiva para a pergunta “o que é ser idoso e quais as vantagens em ser idoso?”. Os grupos foram divididos previamente com o intuito de mesclar quem interage pouco, com quem interage muito e assim, promover uma participação equitativa.

As respostas foram: ser idoso é aproveitar a vida; as vantagens em ser idoso são os direitos que possuímos, como o passe-livre, a meia-entrada em espaços culturais, o acesso à saúde; autonomia para cuidarem de si mesmo; ter tempo livre para realizar as atividades que desejamos; assento preferencial e gratuidades. Uma das respostas sobressaiu-se, isso porquê, o grupo concordou com os demais sobre as vantagens que possuem, entretanto, salientaram sobre a solidão na velhice. Após todos falarem, discutiu-se um pouco sobre o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003) e a importância deste, apesar de todos os desafios que ainda enfrentam na efetivação de seus direitos. Comparou-se contextos sociais anteriores em que os idosos possuíam poucos ou nenhum direito, e as conquistas sociais ao longo do tempo.

No terceiro encontro, a atividade proposta foi proporcionar um diálogo com os idosos baseado na questão “você se reconhece como idoso? Por que?”. Para o

estímulo do debate, teve exibição de imagens representando os estereótipos da velhice. Então conversamos sobre o processo de envelhecimento em sua diversidade e que apesar de algumas semelhanças, cada idoso tem seu próprio processo. O objetivo foi demonstrar que embora os estereótipos e estigmas da velhice sejam de pessoas frágeis, inúteis, incapazes, teimosas, dependentes e outros, não podemos generalizar a velhice dessa forma, pois cada idoso tem a sua particularidade. O quarto encontro foi uma palestra sobre câncer de mama e câncer de próstata.

No quinto encontro, discutimos “o que é liberdade?”, foi questionado se eles se sentem livres e o que consideram como liberdade, todos responderam que são livres e apenas alguns responderam sobre o que é liberdade, alegando que é poder fazer o que quiser, fazer escolhas, poder ir e vir. Para explicar o conceito de liberdade em Marx, que é a possibilidade de escolher entre alternativas concretas, utilizou-se um exemplo inspirado em uma aula do professor José Paulo Netto. Perguntei a um idoso se, por acaso, ele quisesse sair da SBSP naquele momento e ir para Salvador, se ele podia. O idoso respondeu que podia, e os colegas concordaram com a resposta. Mas indaguei, se além de poder, se ele tinha condições de ir e respondeu que não tinha. Nesse momento, foi muito interessante, pois uma idosa falou com ele que podia ir sim, pois idoso tem passagem de graça, porém, questionamos como ele faria para se hospedar e comer, e de todo modo, ele não tinha condições.

Novamente perguntei a todos se consideram-se livres, pensando na questão de fazerem o que quiserem. Eles riram e perceberam a contradição, assim, responderam que são livres, entretanto, nem sempre possuem condições de fazer tudo o que desejam. Para elucidar melhor o debate, realizei um exercício sobre as desigualdades sociais. Convidei dois (2) participantes do encontro, posicionei uma caixa vazia e cada participante tinha uma chance para tentar acertar a bola na caixa, porém, eles não estavam na mesma posição, um estava perto da caixa e outro mais distante, de forma proposital. Como esperado, um acertou a bolinha na caixa e outro não. Pedi ao grupo para dizerem o que perceberam, e alguns responderam que estava desigual, que havia sido mais fácil para um, porque estava posicionado mais perto. O intuito foi mostrar sobre as desigualdades de oportunidades e de acesso, assim como é no modo de produção capitalista.

Expliquei para os idosos sobre a importância de avaliarem o trabalho e se expressarem com sinceridade, pois tudo é planejado pensando neles e

precisávamos saber se o objetivo estava sendo alcançado. Assim, combinei com o grupo de avaliarem o Renascer. Elaborei algumas perguntas sobre as atividades e tudo que as envolve, sabendo que alguns idosos não sabem ler e nem escrever, que alguns possuem dificuldades para enxergar, a metodologia escolhida não se deu pela aplicação de questionário individual. Indiquei uma metodologia de pergunta e resposta falada, fazia a pergunta e contabilizava quem respondeu “sim” e, depois, quem respondeu “não”. Poucas perguntas eram respostas abertas, nesse caso, anotava a resposta de cada pessoa. A metodologia funcionou perfeitamente, todos os idosos conseguiram participar e se expressar. Neste dia estiveram presentes vinte e um (21) idosos. Segue abaixo o questionário e logo em seguida as respostas.

Quadro 2 - Questões para avaliação com o Grupo Renascer

Temas e Atividades
1- Vocês gostam dos temas que trabalhamos com vocês?
2- Quem gosta de atividade de colorir, pintar?
3- Quem gosta de jogos? Memória, jogo da velha...
4- Quem gosta quando passamos vídeos?
5- Vocês gostam de atividades com pessoas convidadas? Procon, Ascomcer...
6- Quem gosta dos temas sobre a saúde?
7- Quem gosta dos temas sobre os nossos direitos?
8- Quem gosta quando falamos de coisas da nossa História (cidade, estado, país, mundo)?
9- Vocês se sentem confortáveis para contar sobre coisas da vida de vocês?
10-- Vocês gostam de dinâmicas?
11- Quais temas vocês gostariam que fossem abordados aqui? O que vocês possuem curiosidade de saber?
Acessibilidade
12- Vocês acham que as atividades são compreensíveis? Conseguem entender?
13- Vocês conseguem acompanhar nossas atividades?
14- A linguagem que usamos, é tranquila para vocês? Vocês acham difícil?
15- Quando passamos vídeos, vocês conseguem acompanhar?
Avaliação do Programa
16- O Renascer ajuda vocês em alguma coisa? Em que?

17- Vocês se sentem bem no Renascer?
18- Vocês indicariam o Renascer para outras pessoas?

Fonte: Elaboração Própria. Coordenação do Grupo Renascer (2024).

Quadro 3 - Frequência das respostas às perguntas na avaliação do Grupo Renascer

Perguntas	Respostas	
	Sim	Não
Vocês gostam dos temas que trabalhados?	21	0
Quem gosta de atividade de colorir, pintar?	12	9
Quem gosta dos jogos interativos?	10	11
Quem gosta quando passamos vídeos?	18	3
Vocês gostam de atividades com pessoas convidadas?	21	0
Quem gosta dos temas sobre a saúde?	21	0
Quem gosta dos temas sobre os direitos?	21	0
Quem gosta quando falamos sobre nossa História (cidade, estado, país, mundo)?	17	4
Vocês se sentem confortáveis para contar sobre coisas da vida de vocês?	11	10
Vocês gostam de dinâmicas?	15	6
Vocês acham que as atividades são compreensíveis? Conseguem entender?	15	6
Vocês conseguem acompanhar nossas atividades?	21	0
A linguagem que usamos, é entendível para vocês?	17	4
Quando passamos vídeos, vocês conseguem acompanhar?	21	0
Vocês se sentem bem no Renascer?	21	0
Vocês indicariam o Renascer para outras pessoas?	21	0

Fonte: Elaboração própria. Coordenação do Grupo Renascer (2024).

Quadro 4 - Respostas às perguntas abertas na avaliação do Grupo Renascer

Perguntas	Respostas
Quais temas vocês gostariam que fossem abordados aqui? O que vocês têm curiosidade de saber?	Ler e escrever melhor, História do Brasil, Conselho da Pessoa Idosa.

O Renascer auxilia vocês em alguma coisa? Em quê?	Sim (21). Dúvidas são esclarecidas quando vem palestrantes (acesso à informação); cuida da mente; se sente bem; conhecimento; ajuda com a saúde mental.
Qual foi o tema/atividade que vocês mais gostaram?	Direitos humanos; palestra da nutrição; bingo; temas sobre envelhecimento; racismo; passeio e atividade de desenho.
Tema que menos gostaram?	Animais peçonhentos.
Qual tema/atividade vocês querem que seja apresentado de novo?	Cine pipoca; palestra dos direitos do consumidor; saúde mental; direitos humanos; leis trabalhistas; animais peçonhentos.
O que vocês querem fazer em 2025 no Renascer?	Atividade com música.

Fonte: Elaboração própria. Coordenação do Grupo Renascer (2024).

A avaliação demonstra que existe uma satisfação dos participantes pelo trabalho que está sendo realizado. Um ponto importante a ser observado são as respostas da pergunta “O Renascer auxilia vocês em alguma coisa? Em que?”, e todos alegam que auxilia e destacam a questão do acesso à informação, ao conhecimento. Outro ponto, os idosos apontam que gostam dos temas sobre direitos. Com isso, continuei investindo em trabalhar temáticas sobre os direitos, como uma forma de acessarem o conhecimento, intercalando com atividades lúdicas, exercícios em subgrupos e outros.

O sétimo, oitavo, nono e décimo encontro foram atividades voltadas para a interação, aproximação, distração, lazer e estímulo da fala. Para concluir o trabalho, debatemos sobre a constituição dos benefícios previdenciários no Brasil, no penúltimo encontro e quais são os direitos trabalhistas para a população idosa, no último encontro.

No debate sobre a história da Previdência Social, tivemos excelentes contribuições, idosos questionando como é desgastante trabalhar tanto tempo para conseguir se aposentar e quando conseguem, mal aproveitam, pois já é o fim da vida. Alegaram como é inculcada a ideia de que valeria a pena se aposentar para curtir a “melhor idade”, mas na realidade, a renda mal dá para arcar com as despesas básicas para sobreviver. Nesse dia, percebi o quanto o grupo tinha se

desenvolvido e como foi importante incentivar, ao longo desse processo, que eles falassem, participassem, expressassem suas ideias e opiniões.

No decorrer do processo, aquele espaço que era apenas de “sentar e ouvir informações”, foi se tornando espaço de construção coletiva, preliminarmente, desconstruindo algumas ideias, concepções e posteriormente, conhecendo e debatendo sobre experiências em comum com um novo olhar, partindo do individual para o coletivo.

As falas que antes eram “sim” ou “não”, foram se transformando em “eu vivenciei isso de maneira tal”; “eu sou de tal forma”; “eu acho que isso é de tal jeito”; “comigo aconteceu tal coisa”. Enfim, cada um se expressando do seu jeito, mas interagindo assiduamente. Dessa maneira, no processo de aprendizagem, observei através de suas falas em como foi mudando a memória social do grupo.

Ao iniciar determinado encontro, eles, normalmente, começavam dizendo que não conheciam ou que não sabiam tão profundo sobre tal tema. Entretanto, ao final, as falas eram “Nossa Marcelle, que interessante. Nunca tinha parado para pensar sobre isso”; “Esse tema é muito importante, precisava mesmo saber sobre isso”. De modo geral, em todos os encontros, eles demonstraram satisfação pelo tema escolhido e expressavam como foi importante ter acesso a algo novo, mesmo que de certa forma já fizesse parte da vida deles.

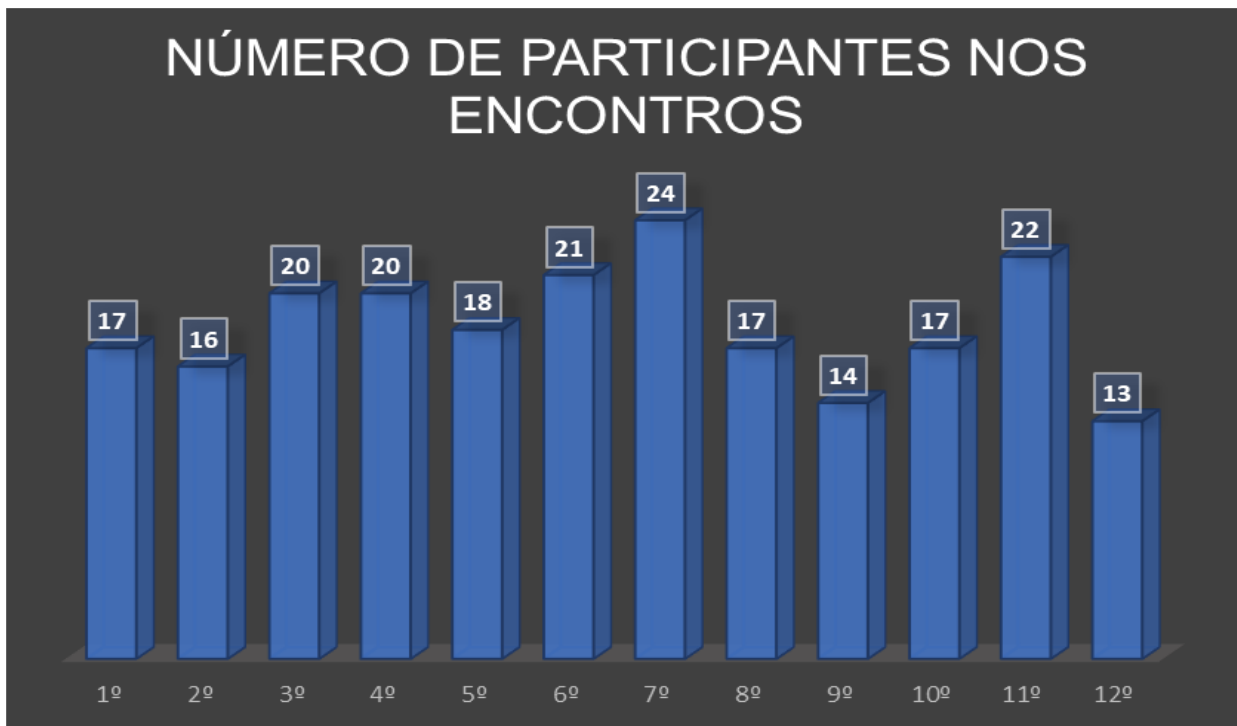
Tivemos dois (2) encontros em que essa mudança na forma de ver as coisas foi muito notável. O terceiro (3º) encontro, em que debatemos estigmas e estereótipos da velhice e todos, instantaneamente, reconheceram que são vistos como inúteis e incapazes, percebendo que todos ali passam por isso. Entretanto, não se veem dessa forma, não se sentem inúteis, eles gostam de viver, de aproveitar a vida, possuem vitalidade.

Similarmente, o quinto (5º) encontro que debatemos sobre “O que é liberdade?”, ancorado nas comparações que fizemos, demonstraram rapidamente a sacação em como nossa liberdade está vinculada a nossa inserção de classe social. Também, reconheceram que a nossa classe social é a que não possui condições de viver, apenas de sobreviver, e como somos limitados por isso.

A partir disso, a seguir, apresento dois (2) gráficos, um sobre o número de participantes em cada encontro, outro acerca da média de participação no Renascer no período de Janeiro de 2024 a Janeiro de 2025. No primeiro gráfico, não foi contabilizado o encontro do dia 27/01, pois eu não estava presente. Considerei

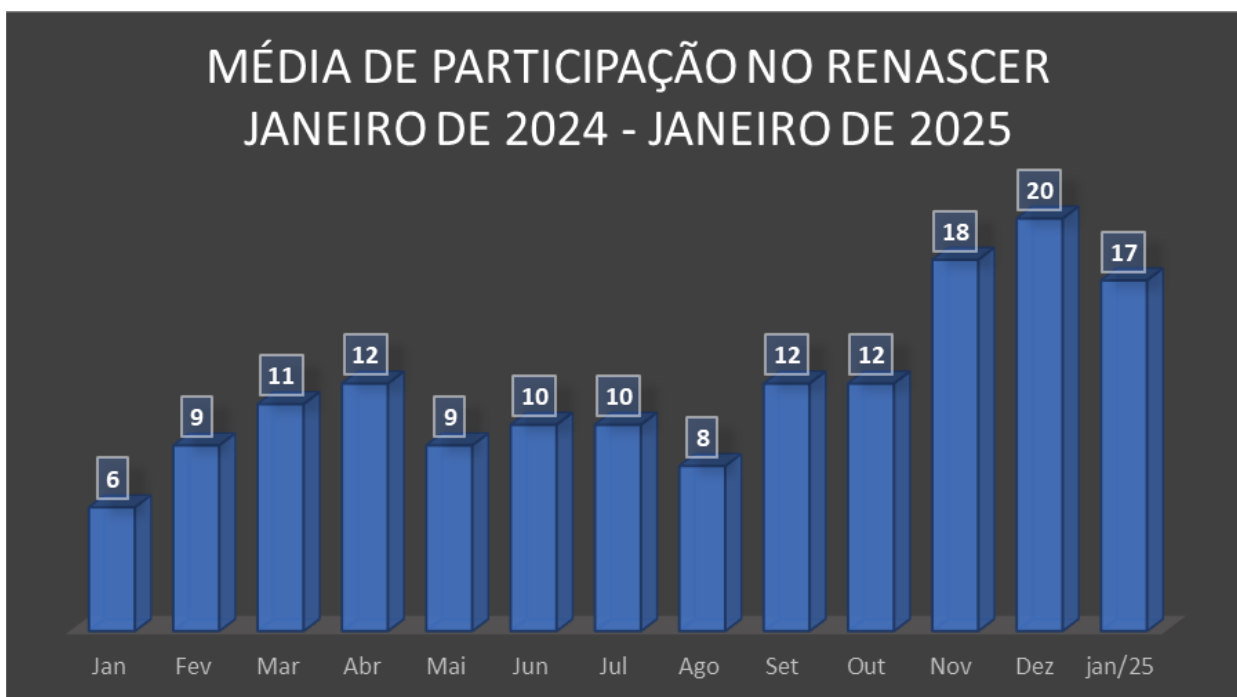
como o último encontro, 12º, o do dia 03/02.

Gráfico 3 - Número de participantes nos encontros do Grupo Renascer (novembro de 2024 à fevereiro de 2025)



Fonte: Relatórios semanais do Renascer. Elaboração Própria (2025).

Gráfico 4 - Média da participação nos encontros do Grupo Renascer (janeiro de 2024 a janeiro de 2025)



Fonte: Relatórios semanais do Renascer. Elaboração Própria (2025).

Ao analisar o primeiro gráfico, é possível observar uma crescente no número de participantes ao longo dos meses de novembro e dezembro. No mês de janeiro, há uma oscilação, decresce, cresce e decresce. Avalio que essa oscilação está relacionada ao fato de que o mês de janeiro é, normalmente, um período de recesso. Algumas pessoas só retornam para as atividades no mês de fevereiro. Inclusive, a minha expectativa era que tivesse uma grande evasão, pois em janeiro do ano anterior, a média de participação havia sido de seis (6) idosos. Entretanto, apesar da oscilação, a média foi de dezessete (17) pessoas. Comparando esses dois (2) meses, a média mais que dobrou. Além disso, de modo geral, é possível observar uma crescente de participação dois (2) meses antes de assumir a coordenação, no caso, foi o período em iniciamos a transição para eu assumir de fato a coordenação do grupo.

Para facilitar a análise do processo, vou nomear o período que eu não coordenava o grupo como “etapa pré-coordenação”, o período em que contribui para a consolidação do grupo como “etapa de transição” e como “etapa de coordenação” o período em que estive coordenando o grupo. Além de observar que houve um crescimento quantitativo no Renascer, que expressa o triunfo do trabalho, há também um avanço qualitativo. Em encontros da etapa pré-coordenação, eu observava que o grupo era muito tímido, pouco participativo nas atividades propostas. Em primeiro lugar, cabe diferenciar as formas de conduzir os temas propostos em cada uma dessas etapas. Na etapa de pré-coordenação, a pessoa que estava conduzindo, fosse eu, fosse a assistente social, conduzia as atividades em um formato de palestra, repassando informações, mas sem envolver o grupo, sem gerar debates e reflexões. Com isso, poucos idosos participavam, a participação deles eram muito pontuais e objetivas, com respostas curtas, por exemplo, “sim” e “não”, mas sem aprofundar.

O período relacionado à etapa de transição, coincide com o período em que comecei a construir o meu projeto de TCC, em que estava me debruçando em referências teóricas sobre o trabalho profissional realizado com grupos. Fundamentada nisso, eu modifiquei o meu entendimento do que era trabalho com grupos e modifiquei também o que estava sendo realizado com o Renascer. A autora Vasconcelos (1997, p.136) faz uma indagação que foi um grande norte na

minha proposição e no acompanhamento do processo grupal do Renascer, ela indaga:

Pergunta-se então: que tipo de contato é esse, mantido por profissionais/intelectuais com segmentos populares, individual e/ou coletivamente, onde tão pouco está sendo absorvido por eles? Como pensar em uma sociedade democrática, que caminhe na direção da superação das desigualdades socioeconômicas, sem pensar em cidadania, em direitos sociais? (Vasconcelos, 1997, p. 136)

Era justamente o que me incomodava na etapa pré-coordenação, eu sentia que o grupo absorvia muito pouco do que estava sendo proposto. Então percebi que o contato que estava sendo mantido, não era o ideal, precisava mudar a forma de conduzir a atividade e até mesmo a linguagem.

Doravante, ainda na etapa de transição, as atividades começaram a ser conduzidas de forma dialogada, em que eram direcionadas perguntas e a partir das respostas, o tema era debatido. Foi uma estratégia de proporcionar um espaço em que eles se voltassem para suas próprias questões. Com essa mudança na forma de conduzir, foi perceptível uma mudança na participação dos idosos. Aos poucos, as respostas deixaram de ser automáticas e passaram a ser mais elaboradas, refletidas. Para essa estratégia de direcionar as perguntas, possuí como embasamento teórico o que foi proposto por Vasconcelos (1997, p. 150)

É nesse sentido que, nos espaços de trabalho característicos do Serviço Social, afirmamos que o assistente social não “puxa as pessoas para frente”. Ele cria espaços, possibilidades e condições para que elas se voltem sobre as questões que envolvem seu cotidiano, no sentido de desvendá-las, a partir das possibilidades que já detém para dar unidade aos conhecimentos e informações acumulados na experiência de vida, em articulação com novas informações/conhecimentos que possam vir dos seus iguais e/ou dos profissionais. (Vasconcelos, 1997, p. 150)

O avanço qualitativo dessa participação foi ainda mais visível na etapa de coordenação. O grupo tinha muito vínculo comigo e também estava iniciando um processo de interação intergrupal, pois até então, eles também interagiam raramente entre si. Muitos idosos que antes não falavam nada ou falavam pouquíssimo, começaram a participar, a conversar. Agora não era mais a coordenadora transmitindo conhecimento, informações, agora eram os idosos e eu construindo juntos o conhecimento, desvelando a realidade, pois através do que eles traziam de suas experiências, eu incorporava no conteúdo a ser trabalhado e ia debatendo com eles até chegarmos a uma conclusão.

Outra estratégia foi na forma de direcionar as perguntas, em que eu ia chamando as pessoas pelo nome e perguntava diretamente para ela, fazia a mesma pergunta para várias pessoas e articulava o que estava sendo respondido com o conteúdo da atividade.

Um fator que foi determinante para esse salto qualitativo foi a escolha do campo temático. No período de janeiro de 2024 até o final da etapa de transição, as atividades eram planejadas tanto tendo como referência um planejamento antigo da assistente social anterior, quanto pelo calendário de datas comemorativas, por exemplo, no dia 21 de janeiro comemora-se o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, e então debatíamos sobre esse tema com os idosos. Os temas eram escolhidos pensando em sua relevância e que são questões do cotidiano, entretanto, isso não estava tão articulado com as demandas dos idosos.

Contudo, levando em conta o que eu estava tendo como apropriação teórico-operativa na formulação do meu projeto de TCC, formulei e reformulei algumas estratégias. A questão da escolha do campo temático é uma delas, pois, em conformidade com Eiras (2017a, p.140), “o trabalho socioeducativo supõe um conteúdo, um campo temático que o referencia. Por sua vez, o campo temático inclui as questões e problemas concretos vivenciados pelos usuários”.

Mediante minha apreensão de estagiária em Serviço Social, acompanhando o grupo por um (1) ano, percebi que as atividades antes propostas não compunham um campo temático que fazia sentido para os participantes. Desse modo, como coordenadora desse trabalho, elegi como campo temático as questões relacionadas à condição de ser idoso na sociedade. Isso fez com que os idosos criassem uma maior identificação com o trabalho e também estimulasse na participação, pois as atividades propostas eram algo comum a todos eles, já que todos são idosos.

Além disso, trabalhei temas interligados para contribuir com o aprendizado e desenvolvimento de algumas habilidades, por exemplo, a comunicação, o relacionamento, o pensamento criativo, a memorização, entre outros. Para concluir, adotei como estratégia um revezamento nas formas de propor atividades com exposições dialogadas, filmes curtos, exercícios lúdicos, jogos e exercícios em subgrupos.

Em linhas gerais, através do relato aqui exposto e analisado, a proposta de desenvolver uma experiência de trabalho socioeducativo realizado grupalmente, em

uma perspectiva democrática, participativa e crítica, foi concretizada e bem sucedida. O salto quantitativo e qualitativo do grupo se expressa nas mudanças, por exemplo, na comunicação, na memória social do grupo, na trajetória individual e histórica que se sucederam após iniciar o trabalho. O relato dos participantes, ao fim de todo encontro, expressa o interesse no trabalho, no que está sendo proposto e realizado, revela que tem sido benéfico estar inserido ali.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, de início, foi possível, situar a particularidade da dimensão técnico-operativa no Serviço Social que está articulada a dimensão teórico-metodológica e ético-política. Afinal, conforme aponta Guerra (2012, p. 50), “a dimensão técnico-operativa é a forma de aparecer da profissão, pela qual é conhecida e reconhecida”. Também conseguiu-se apresentar as contribuições teórico-críticas sobre o trabalho com grupos na produção acadêmica na área de Serviço Social, tendo como a principal referência do debate Alexandra Eiras (2017a e 2017b), além de autores como Ana Maria de Vasconcellos (1997), Cláudia Mônica dos Santos (2002 e 2012) e Carlos Moreira (2015 e 2023).

A fim de aprimorar o debate e consoante ao campo temático que orientou o trabalho com grupo Renascer, construí um capítulo para analisar alguns aspectos que caracterizam a população idosa no Brasil e o seu perfil, de um modo genérico, mas atentando para a particularidade da população idosa vinculada à classe trabalhadora. Mediante essa exposição, também apresentei o perfil dos idosos cadastrados na SBSP, o que nos aproxima dos idosos que frequentam o grupo Renascer. Este capítulo foi de suma importância para compreender parte da realidade vivenciada por esses participantes.

De forma satisfatória, conseguiu-se sistematizar o conteúdo sobre a particularidade do trabalho com grupos realizado pelo Serviço Social na SBSP. Relatando etapa por etapa da construção da ação profissional realizada no Programa Renascer, ancorada nas referências teórico-metodológicas expostas nesta pesquisa.

Dessa maneira, com tudo o que foi apresentado até aqui, cabe responder o que era a minha questão para a realização desse trabalho: como o trabalho com grupos realizado pelo Serviço Social na SBSP tem contribuído para a convivência e o fortalecimento de vínculos dos idosos e a forma como a equipe de Serviço Social pode planejar e conduzir as atividades visando o envolvimento dos participantes em uma perspectiva democrática, participativa e crítica.

Em primeiro lugar, na função de coordenadora do programa, elaborei atividades e tive estratégias que colocassem os idosos em interação, visando contribuir para a convivência e o fortalecimento de vínculos. A estratégia de dialogar

com eles no momento da condução da atividade proposta foi uma delas, pois quando um falava, incentivava o outro a falar também, se tornando um diálogo coletivo. Com isso, surgiram aproximações e amizades. Eles foram criando o sentimento de identidade e de pertencimento. Propus duas atividades nas quais eles foram divididos em subgrupos e que precisavam conversar entre si para participar do exercício. Isso nunca tinha sido feito antes e foi uma estratégia que contribuiu significativamente.

Segundamente, percebi que a forma anterior de planejamento e condução das atividades estava equivocada, os idosos participavam pouco, não interagiam, era um espaço de participação descolado da apreensão de suas necessidades reais. Assim sendo, visando o envolvimento dos participantes numa perspectiva democrática, participativa e crítica, a forma como a equipe de Serviço Social pode planejar e conduzir as atividades, deve estar alinhada aos interesses do grupo, às suas demandas. Por isso, ao final de todo encontro, eu solicitava uma breve avaliação do encontro e pedia sugestões de temas, ideias, exercícios para eu planejar e apresentar posteriormente.

Isto posto, proponho que é de fundamental importância o acompanhamento do grupo para além do horário dos encontros coletivos. Se aproximar de cada um, criar vínculos, para que assim eles se sintam cada vez mais confortáveis em participar do trabalho. As pessoas possuem apreço em receber atenção, sentir que são ouvidas e valorizadas. Por meio dessa aproximação, em contato constante com os participantes, a escolha do campo temático é determinante para o sucesso ou não do trabalho, porque quando os temas trabalhados não fazem sentido para eles, os deixam desmotivados e incorre-se a uma evasão ou a uma baixa participação no momento da atividade.

É sabido sobre o alto número de demandas recebidas por assistentes sociais nos espaços sócio-ocupacionais, que o cotidiano é extremamente corrido e alienante. Entretanto, a etapa de preparação para conduzir o trabalho com grupos é imprescindível visto que as atividades improvisadas correm um grande risco de não darem certo ou não atenderem com satisfação as expectativas dos usuários. O profissional precisa estar preparado para lidar com as questões que serão colocadas pelos participantes, planejar desde a abertura até o encerramento, etapa por etapa.

Por fim, proporcionar um espaço de constante avaliação, pelos usuários e pela equipe, do que está sendo proposto e desenvolvido. Mas aqui não falo apenas de

um espaço de escuta, é ouvir e absorver as considerações de quem participa do grupo. O trabalho precisa ser construído coletivamente, o coordenador e a equipe precisam absorver o que está sendo sugerido e avaliar quais são as modificações necessárias para a continuidade das atividades. De fato, algumas questões vão esbarrar em limites estruturais, institucionais e até mesmo profissionais, todavia, o que não for possível modificar, precisa ser devidamente explicado ao grupo, para que assim não se sintam invalidados.

Baseado nesse relato de uma experiência do trabalho profissional com grupos e das contribuições aqui propostas, anseio que outros profissionais possam tomá-los como uma inspiração para desenvolverem em seus espaços sócio-ocupacionais essa estratégia do trabalho com grupos com êxito, sem receios quanto ao planejamento e a execução. Dificuldades sempre vamos enfrentar, porém, quanto mais nos apropriar do debate e propor contribuições, o leque de possibilidades vai se tornando cada vez maior.

Saliento que a estratégia do trabalho com grupos é importantíssima para caminharmos em direção ao nosso horizonte de luta: a emancipação política e humana da classe trabalhadora, ancorada no Projeto Ético-Político da profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA SENADO. **Primeira lei da Previdência, de 1923, permitia aposentadoria aos 50 anos.** Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/primeira-lei-da-previdencia-de-1923-permitia-aposentadoria-aos-50-anos>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

ASCOMCER. **Hospital Ascomcer.** Disponível em <<https://www.ascomcer.org.br/>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

BRASIL. **Brasil registra mais de 202 mil violações de direitos contra pessoas idosas no 1º trimestre de 2023.** Disponível em <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/brasil-registra-mais-de-202-mil-violacoes-de-direitos-contras-pessoas-idosas-no-1o-trimestre-de-2023>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934.** Rio de Janeiro: Presidência da República, 1934.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Decreto n. 4.682, de 24 de janeiro de 1923. Crea, em cada uma das empresas de estradas de ferro existentes no paiz, uma caixa de aposentadoria e pensões para os respectivos empregados.** Rio de Janeiro: Presidência da República, 1923.

BRASIL. **Informe da Previdência Social, v. 35, n. 4.** Brasília: Ministério do Trabalho e Previdência, 2023.

BRASIL. **Lei n. 10.471, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências.** Brasil: Presidência da República, 2003.

BRASIL. **Lei n. 11.551, de 19 de novembro de 2007. Institui o Programa Disque Idoso.** Brasília: Presidência da República, 2007.

BRASIL. **Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências.** Brasil: Presidência da República, 1993.

BRASIL. **Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.** Brasília: Presidência da República, 1994.

BRASIL. **Observatório Nacional da Família.** Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2021.

BRASIL. **Portaria n. 2.528, de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa.** Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. **Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais**. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2014.

CFESS. **Código de ética do/a assistente social**. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 1993.

CNN. **70% dos idosos acha que dinheiro de uma aposentadoria não é suficiente para viver, diz pesquisa**. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/financas/70-dos-idosos-acha-que-dinheiro-d-e-uma-aposentadoria-nao-e-suficiente-para-viver-diz-pesquisa/>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

EIRAS, A. A. L. T. S. **A intervenção do Serviço Social no CRAS: análise das demandas e possibilidades para o trabalho socioeducativo realizado grupalmente**. In: SANTOS, C. M.; BACKX, S.; GUERRA, Y. (Org.). *A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos*. São Paulo: Cortez Editora, 2017a.

EIRAS, A. A. L. T. S. **Referências teóricas críticas e trabalho com grupos no Serviço Social: uma formulação necessária**. In: *XIII Congreso Estatal y Iberoamericano de Trabajo Social. Comunidades sostenibles: dilemas y retos desde el trabajo social*. Mérida: Consejo General del Trabajo Social, 2017b.

ESCORSIM, S. M. **O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise**. In: *Revista Serviço Social e Sociedade*, n. 142. São Paulo: Cortez Editora, 2021.

FALEIROS, V. D. P. **A política nacional do idoso em questão: passos e impasses na efetivação da cidadania**. In: ALCÂNTARA, A. D. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (Org.). *Política nacional do idoso : velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2016.

GUERRA, Y. **A dimensão teórico-metodológica no trabalho de assistentes sociais**. In: HORST, C. H. M.; ANACLETO, T. F. M. (Org.). *A dimensão técnica-operativa no trabalho de assistentes sociais*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais, 2023.

GUERRA, Y. **A dimensão técnico-operativa do exercício profissional**. In: SANTOS, C. M.; BACKX, S.; GUERRA, Y. (Org.). *A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

GUERRA, Y. **A instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

G1. **Denúncias de abandono de idosos dobram em 2023**. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/01/05/denuncias-de-abandono-de-idosos-dobram-em-2023.ghtml>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. D. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

IBGE. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022a.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Terceiro Trimestre de 2022**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022b.

IBGE. **Projeções da População**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2018.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023.

IPEA. **Idosos negros apresentam piores condições de saúde e menor expectativa de vida em comparação à população não negra**. Disponível em <<https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/15476-estudo-indica-que-idosos-negros-apresentam-piores-condicoes-de-saude-e-menor-expectativa-de-vida-em-comparacao-a-populacao-nao-negra?highlight=WyJpZG9zb3MiXQ>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

LANE, S. T. M. **O processo grupal**. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

LOURAU, R. ALTOÉ, S. **René Lourau. Analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2004.

MOREIRA, C. F. N. **O grupo no trabalho de assistentes sociais e sua dimensão educativa**. In: HORST, C. H. M.; ANACLETO, T. F. M. (Org.). *A dimensão técnica-operativa no trabalho de assistentes sociais*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais, 2023.

MOREIRA, C. F. N. **O trabalho com grupos em Serviço Social: a dinâmica de grupo como estratégia para reflexão crítica**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

PAULA, L. G. P. D. **A dimensão técnico-operativa no trabalho de assistentes sociais.** In: HORST, C. H. M.; ANACLETO, T. F. M. (Org.). *A dimensão técnica-operativa no trabalho de assistentes sociais*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais, 2023.

PEREIRA, S. L. B. **As dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa: particularidades e unidade.** In: *Anais do I Congresso Internacional de Política Social e Serviço Social: desafios contemporâneos*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.

PUC RS. **PUC RS Data Social: 2,8 milhões de idosos vivem abaixo da linha de pobreza no Brasil.** Disponível em <<https://portal.pucrs.br/noticias/impacto-social/idosos-pobres-no-brasil/>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

RAUTH, J.; PY, L. **A História por trás da lei: o histórico, as articulações de movimentos sociais e científicos, e as lideranças políticas envolvidas no processo de constituição da política nacional do idoso.** In: ALCÂNTARA, A. D. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (Org.). *Política nacional do idoso : velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2016.

SANTOS, C. M.; FILHO, R. S.; BACKX, S. **A dimensão técnico-operativa do Serviço Social: questões para reflexão.** In: SANTOS, C. M.; BACKX, S.; GUERRA, Y. (Org.). *A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

SANTOS, C. M. D. **As dimensões da prática profissional do Serviço Social.** In: *Revista Libertas*, v. 2, n. 2. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2002.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais.** In: *Revista Estudos de Psicologia*, v. 25, n. 4. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2008.

SESC SP. **História da Velhice no Brasil: 60 anos de Mudanças, Conquistas e Desafios.** Disponível em <<https://www.sescsp.org.br/editorial/ed-86-historia-da-velhice-no-brasil-60-anos-de-mudancas-conquistas-e-desafios/>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

SOUZA, L. C. D.; VILIONE, G. C. C.; SOARES, N. **Autoridade, Família e Indústria Cultural: a construção social da velhice.** In: TEIXEIRA, S. M. *Envelhecimento na sociabilidade do capital*. Campinas: Editora Papel Social, 2017.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento em contexto de superexploração e contrarreformas.** *In: Revista Serviço Social e Sociedade, n. 142.* São Paulo: Cortez Editora, 2021.

VASCONCELOS, A. M. D. **Serviço Social e Prática Reflexiva.** *In: Revista Em Pauta, n. 10.* Rio de Janeiro: Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. **Transição demográfica: a experiência brasileira.** *In: Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 21, n. 4.* Brasília: Universidade de Brasília, 2012.4747